

TRACY BLOOM

MULHER SOLTEIRA

PROCURA VINGANÇA

Tradução de Isabel C. Penteado



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para a mamã e para o papá,
Há quarenta e cinco anos a viverem em harmonia,
facto pelo qual lhes serei para sempre grata.*

CAPÍTULO UM

Querida Suzie,

Nunca tinha escrito a uma conselheira sentimental, mas não há mais ninguém com quem possa conversar sobre isto. É que o meu marido trocou-me há seis meses por alguém dez anos mais nova do que eu, que ele conheceu numa aula de spinning. Completamente destroçada, comecei a comer como forma de consolo e rapidamente ganhei dez quilos. Então, de repente, há uns quinze dias, ele apareceu-me à porta a dizer que estava pronto a voltar para casa, sob uma condição: que eu me tornasse mais aventureira na cama. Deixou-me com uma lista do que tinha em mente, que incluía, em grande parte, determinadas práticas de sadomasoquismo que eu tive de pesquisar na internet para conseguir perceber o que eram. Amo-o tanto e estou desesperada para o ter de volta, mas não fazem o fato em PVC, que ele está a sugerir, no tamanho quarenta e quatro. O que devo fazer?

*Cumprimentos desesperados,
Trish*

Querida Trish,

Compre o fato em PVC no tamanho trinta e seis, e também umas algemas e um maçarico. Ligue para o seu marido e diga que aceita todas as suas exigências e que quer que ele

vá ter consigo imediatamente. Quando ele chegar, diga-lhe que tem uma condição: ele terá de usar o fato em PVC e então você fará o que ele quiser. Quando ele o tiver vestido, algeme-o à cama e depois saque do maçarico, ligue-o no máximo e pergunte-lhe que partes da anatomia ele quer que lhe queime primeiro. Depois diga ao verme para nunca mais voltar a incomodá-la — sua estúpida, estúpida, estúpida...

Suzie não se apercebeu de que estava a bater com a cabeça no ecrã do computador a resmungar a palavra «estúpida», vezes e vezes sem conta, até Drew lhe ter segurado delicadamente nos ombros e a ter puxado para trás até ficar com as costas direitas.

— Normalmente, «control, alt, delete» costuma funcionar melhor do que bater com a cabeça — disse ele enquanto se sentava na secretária ao lado da dela e começava a ligar os interruptores necessários para poder começar o dia de trabalho.

Suzie estava vagamente ciente de que a sua respiração era esforçada e que estava agarrada com muita força à borda da mesa. Estranhamente, a redação do jornal *Manchester Herald* parecia estar com o burburinho habitual em seu redor, apesar de ela se sentir tudo menos normal. Ela era como uma torre *Jenga* prestes a desmoronar, apenas à espera que alguém tirasse o bloco errado.

— Estás bem? — perguntou Drew, interrompendo o batuque desenfreado no seu teclado e espreitando para ver o rosto sofredor.

Bloco extraído. Preocupação demonstrada por colega. Desmoronamento iminente.

— Porquê? — rosou ela, tentando desesperadamente conter o volume quando tudo o que lhe apetecia fazer era gritar. — Porque é que estou a escrever este maldito e estúpido consultório sentimental?

— Eh, porque o sugeriste? — respondeu Drew.

— Eu sei muito bem que sugeri — disse ela com o rosto a começar a corar de fúria. — Mas não estava a falar a sério. Era uma piada — disse ela através de dentes cerrados. — Se o Gareth acha que isto vai atrair de novo as nossas leitoras, ele é um idiota e é ainda mais idiota por me ter pedido que o fizesse.

— Mas tu tens tanta experiência com relacionamentos — disse Drew de modo arrastado.

Ela virou-se para ele, indagando-se que diabo o teria feito pensar que o sarcasmo seria apropriado naquela conversa.

— Não me digas — disse ela. — Então é por isso que com a respeitável idade de trinta e seis anos, eu estou de novo sozinha, é isso?

— Suzie agarrou num dos duendes travessos que tinha alinhados em cima da secretária e começou a puxar-lhe violentamente o cabelo azul-elétrico.

— O que aconteceu desta vez? — perguntou Drew com um suspiro. Virou-se para ela e assumiu a posição. Uma visão demasiado familiar ao longo dos últimos cinco anos em que ocupava a secretária ao lado da dela, sempre na linha de fogo dos traumas dos seus relacionamentos. De braços cruzados, ele colocou a sua melhor expressão de «és-uma-idiota-por-aturares-esta-treta-toda» no rosto antes de baixar os olhos para ver as horas. Ela sabia que não tinha muito tempo até ele salientar que tinha um prazo para cumprir, por isso pegou rapidamente no telemóvel para lhe apresentar os factos.

— Recebi esta mensagem do Alex hoje de manhã, dez minutos depois de ele ter saído do meu apartamento — disse-lhe ela enquanto lhe enfiava o telemóvel na mão.

DESCULPA SUZE MAS ISTO PARA MIM NÃO ESTÁ A FUNCIONAR. VAMOS FICAR POR AQUI ENQUANTO AINDA PODEMOS SER AMIGOS E A SITUAÇÃO NÃO SE TORNA DESCONFORTÁVEL NO TRABALHO. ALEX XX

— Oh, céus — disse Drew, sem a menor expressão de surpresa, nem de compreensão.

— E... e... — continuou Suzie, combatendo as lágrimas. — Fizemos sexo antes de ele sair.

Seguiu-se uma pausa desconfortável enquanto Drew assimilava a profundidade da informação providenciada. Por fim, resmungou em voz baixa: — Canalha. — Depois suspirou, descruzou os braços e colocou as mãos sobre os joelhos. — Podes conseguir tão melhor do que ele — disse. — Esquece simplesmente o Alex e tem paciência, que alguém melhor há de aparecer.

— Tenho trinta e seis anos, Drew. Não preciso de paciência, preciso de botox — respondeu Suzie, conseguindo com sucesso arrancar uma melena de cabelo azul da cabeça do duende. — E para ti é fácil dizer isso quando estás noivo do amor da tua vida e não a passear por aí com «íman de estupores» tatuado na testa, como eu. — Atirou furiosamente o duende torturado para o chão.

Drew começou a falar, mas ela tinha coisas para desabafar que não podiam esperar por ninguém.

— Estou farta — interrompeu ela, tirando outro duende de cima da secretária, este vestido com equipamento de futebol. — Olha para

isto — disse ela, levantando-o para que Drew o visse. — O meu primeiro amor verdadeiro comprou-me isto quando tínhamos quinze anos, depois deu-me com os pés em frente dos amigos todos e disse-me que eu era uma chata. — Largou o duende e viu-o saltitar duas vezes sobre a mesa antes de cair para o chão e ir parar ao pé do duende de cabelo azul, parcialmente careca, que estava ao lado do cesto dos papéis. — E quanto a este — disse ela, segurando noutro duende, desta vez com cabelo amarelo-vivo. — Este encontrei na cama com uma das minhas melhores amigas depois de dez anos de vida conjunta. — Desta vez dispensou a secretária e lançou-o diretamente em queda livre para junto do duo de meter dó que já estava no chão. — E este — continuou ela, levantando um duende guitarrista espanhol. — Bem, digamos que a vida dele era muito mais complicada do que me deu a entender. — Calou-se, incapaz de olhar Drew nos olhos.

O amigo duende aterrou de cabeça em cima do duende futebolista e ali ficou como se estivessem a treinar a posição da quinzena.

— Esses duendes são por cada namorado que tiveste? — perguntou Drew. — E eu pensava que tu tinhas simplesmente um péssimo gosto para bonecos de escritório.

— Não são por cada namorado que tive — protestou ela.

Drew ergueu as sobrancelhas.

— Só aqueles por quem me apaixonei. — Mordeu com força o lábio, tentando conter as lágrimas.

Olharam ambos para o triste cemitério que lhes sorria pateticamente da sua cama de carpete de nylon verde pálido.

— Porquê? — perguntou Drew, abanando a cabeça com incredulidade.

Suzie sabia que não havia palavras que pudessem convencer o super-racional Drew de que a sua coleção excêntrica tinha alguma ponta de sanidade. Ela suspirou e sentiu o corpo todo ceder quando se resignou com o facto de que estava prestes a soar exatamente como a desesperada mulher de meia-idade em que estava rapidamente a transformar-se. — Porque, depois de vinte longos anos de namoros, preciso de algo que me lembre que existiram pelo menos alguns momentos de amor na minha vida — disse ela.

Drew olhou-a fixamente e ela preparou-se mentalmente para um ataque de inútil piedade. Ela já devia ter aprendido.

— Mas acabaste de dizer que foram todos uns estupores para ti, para citar as tuas próprias palavras.

Ela olhou para o monte de duendes no chão. Tinha lido algures numa revista que devia ter uma atitude positiva em relação aos rela-

cionamentos importantes do passado. Talvez estivesse na hora de os ver exatamente como eram. Um lembrete horroroso dos homens que tinham transformado a sua história romântica num desastre, deixando-a a aproximar-se rapidamente dos quarenta e condenada a uma árida situação de solteirona.

Entre todos, tinham arruinado a sua única vida amorosa.

— Canalhas — disse ela, dando-lhes um pontapé pouco convicto com um dos fatais sapatos pretos de salto-agulha, parte do uniforme para atrair homens que se via obrigada a continuar a usar dado o atual estado civil.

— Oh, por amor de Deus — disse Drew, já de paciência esgotada. — Podes conseguir melhor que isso. Se estivessem agora todos à tua frente, o que farias?

Se estivessem realmente todos aqui agora? Em carne e osso? Ela estremeceu com a ideia. A sua mente foi inundada por recordações de horríveis períodos de sofrimento. Horas passadas a tentar perceber porque tinha tudo dado para o torto. Tentativas desesperadas para os ter de volta, geralmente durante solitárias viagens de táxi para casa ao final de infrutíferas saídas noturnas ao sábado, quando se sentia impotente para impedir os dedos de enviarem mensagens ébrias e indignamente suplicantes. Todas as tentativas eram ignoradas, claro, o que fazia crescer a angústia até esta escalar para fúria e sonhos de retaliação e vingança pelo que estavam a fazê-la passar. Uma onda de tristeza ameaçava-a com mágoa, ou ira. Ela escolheu a ira.

— Eu ia querer fazê-los sofrer como eles também me fizeram — desembuchou ela, mãos firmemente agarradas aos braços da cadeira. — Como devia ter feito naquela altura. Agora é demasiado tarde. — Recentemente, para tudo era demasiado tarde. Desde que ela tinha decidido que estava a aproximar-se rapidamente dos quarenta, era demasiado tarde para se casar, demasiado tarde para ter filhos e demasiado tarde para mudar de carreira e fugir à morte lenta e dolorosa do jornalismo local. Finalmente começara a olhar para trás e a refletir como tinha chegado àquele ponto na sua vida. Solteira, sem filhos e a escrever um ridículo consultório sentimental para um jornaleco local. Se ao menos pudesse voltar atrás e fazer tudo de maneira diferente. Agora era demasiado tarde.

— Mas não é demasiado tarde para o Alex — disse Drew, interrompendo os pensamentos dela. — Já ouvi isso vezes sem conta. Tu deixa-los tratarem-te como se não valesses nada. Ao menos uma vez, diz-lhe exatamente o que pensas dele e segue em frente. Depois livra-te dessa coisa ridícula dos duendes.

Suzie olhou-o fixamente por um instante antes de pegar no duende de cabelo azul, parcialmente careca.

— Tens razão — disse ela, olhando finalmente para Drew. — Ele não pode tratar-me assim. Vou dizer-lhe umas verdades.

— Essa foi a primeira coisa sensata que disseste a manhã toda — disse Drew.

— Vou enviar-lhe uma mensagem — disse ela, pegando no telemóvel. — O que hei de escrever?

— Não lhe mandes mensagens — disse Drew, tirando-lhe o telefone da mão. — Confronta-o. Chama-lhe imbecil na cara, por amor de Deus. Se lhe enviases simplesmente uma mensagem, és tão má como ele.

— Ok — disse Suzie. Nervos gélidos ameaçavam a bravata que ela tinha construído apenas momentos antes. — Vou dizer-lhe na cara. Claro que sim.

— Muito bem — disse Drew. — Assim que ele chegar. Nada de correres para chorar na casa de banho assim que o vires.

— Claro que não — respondeu Suzie, tentando soar mais segura do que se sentia. — Assim que o vir, dou-lhe logo.

— Excelente — disse Drew, virando-se para olhar para o computador, mãos a pairar sobre o teclado, pronto para a ação. — Agora tenho de injetar algum entusiasmo numa história sobre a porcaria do serviço de recolha de lixo em Manchester. Sugiro que descubras algo igualmente excitante para te concentrares. — E começou a digitar furiosamente, consulta sentimental nitidamente concluída.

Às três da tarde, Alex ainda não tinha aparecido, sem dúvida por estar a bajular potenciais anunciantes como desculpa para almoçar por conta. Suzie tinha passado o dia a olhar nervosamente para o corredor atrás de si, oscilando entre o desespero para ver Alex e o receio da sua própria reação. Tentou concentrar-se em terminar o seu consultório sentimental, que devia ser entregue naquela tarde, mas parecia que não conseguia encontrar as palavras para consolar os desanimados quando estava num estado daqueles. Tinha acabado de começar a ler a resposta irritada que havia escrito naquela manhã para o problema de Trish quando Drew lhe deu umas palmadinhas no ombro.

— É agora — disse ele, anuindo com a cabeça por cima do ombro dela.

— O quê? — guinchou ela, percebendo instintivamente que Alex devia ter finalmente chegado. A cor esvaiu-se-lhe do rosto. Ela ficou paralisada, incapaz de virar a cabeça, a olhar fixamente para Drew,

quando um animado assobio que lhe era familiar atravessou a redação. Quando Drew lhe tocou no braço, ela viu-se obrigada a virar lentamente a cabeça na direção do corredor. Alex avançava a passos largos, a uma velocidade confiante, envergava um impecável fato azul-marinho, a camisa e a gravata caras que ela lhe tinha oferecido pelo dia do aniversário, e emanava um odor demasiado familiar a aftershave intenso. Viu imediatamente Suzie a olhar para si. Acenou-lhe descontraidamente e passou por ela em direção à sala de reuniões.

A mão trémula de Suzie ficou a pairar no ar e um sorriso débil imobilizou-lhe os lábios. Ficou a olhar para ele, completamente aturdida.

— O que foi aquilo? — gritou Drew. — Vai. Vai atrás dele agora. Diz-lhe. Eu sei que és capaz.

Ela virou a cabeça ao encontro do seu rosto incrédulo.

— Não consigo — sussurrou ela, abanando lentamente a cabeça.

— Porquê? — perguntou ele.

— Porque... — disse ela, virando o rosto com vergonha. — Porque... — tentou ela novamente, sabendo que estava prestes a parecer ridícula.

— Por favor, não digas o que penso que vais dizer — pediu-lhe Drew.

— Porque eu amo-o — disse ela abruptamente, incapaz de levantar os olhos e de suportar a reação de Drew. O que havia ela de fazer quando caíra numa emboscada assim que pousara os olhos em cima de Alex? Toda a raiva e mágoa tinham sido subjugadas por um ataque em cheio de nostalgia e desejo.

Ela obrigou-se a erguer os olhos, apenas para ver a expressão de total perplexidade no rosto de Drew. A última coisa que podia fazer era explicar-lhe. Não conseguia sequer explicar a si própria.

— Desculpa — resmungou ela enquanto se levantava vacilantemente e pegava no casaco que estava nas costas da cadeira. — Desculpa — disse ela outra vez quando tropeçou na cadeira, e saiu disparada pela redação. Não suportava olhar mais para a incredulidade de Drew. Ela sabia que ele tinha razão, mas amava Alex, o que, de alguma forma, não permitia confrontações exasperadas acerca de um rompimento inaceitável e brusco. Ela amava Alex, o que significava que tudo o que conseguia fazer naquele momento era uma melancólica análise retrospectiva para descobrir exatamente onde tinha errado e, mais importante do que isso, se poderia fazer alguma coisa a esse respeito.

CAPÍTULO DOIS

Querida Trish

Sinto inveja de si, sinceramente. É óbvio que o seu marido ainda a ama, senão não estaria a oferecer-se para voltar para casa e recriar o que tinham anteriormente, dando largas às suas fantasias sexuais, não é?

Claro que não deve fazer nada com que se sinta desconfortável, mas sugiro que se sente e converse com ele e cheguem a um entendimento sobre o que faz feliz os dois. Devo também salientar que o PVC não é favorecedor de pessoas mais cheiinhas; posso recomendar-lhe tangas da Marks & Spencer, geralmente disponíveis no tamanho quarenta e quatro, bem como sutiãs de copa grande a condizer. Também recomendaria que frequentasse aulas de spinning com o seu marido, mas provavelmente desta vez num ginásio diferente.

Arrisque, Trish, porque quando amamos realmente alguém, vale a pena lutar por essa pessoa.

Boa sorte

Suzie

Suzie estava no autocarro de regresso a casa a matutar desesperadamente sobre a sua relação com Alex quando se apercebeu de que a saída antecipada da redação significava que não ia conseguir cumprir o prazo das quatro horas para submeter o consultório sentimental. Só

lhe faltava terminar a resposta ao problema de Trish, mas agora sabia o mau conselho que havia dado na resposta inicial. A última coisa de que Trish precisava era que lhe dissessem para usar um maçarico no marido. Trish tinha uma oportunidade de reacender o seu amor e uma pessoa devia aproveitar ao máximo as oportunidades. Trish precisava de encorajamento, não de ver as esperanças esvaírem-se em fumo. Digitou uma resposta corrigida no telemóvel e enviou-a para a redação mesmo a tempo, na esperança de ter dito a Trish o que ela precisava para ajudar a salvar-lhe a relação.

Como já não estava distraída com a tarefa entre mãos, olhou através das janelas do autocarro, obscurecidas por ranho de crianças, para as encharcadas ruas cinzentas de Manchester e perguntou-se que diabo poderia fazer com a própria vida amorosa. Deixou-se dominar pelo desânimo quando pararam na rua principal em frente das janelas alegremente iluminadas do McDonald's e ela fez o que sempre fazia naquele ponto da viagem para casa. Não conseguiu conter-se. Olhou para a mesa e as cadeiras aconchegadas ao canto da janela do lado esquerdo e reviveu o momento. O momento em que Alex a tinha beijado pela primeira vez.

Tinha sido seis meses antes no final do que ela considerara ser um dos dias mais felizes da sua vida. Afinal, não é frequente conseguir-se o homem que está no topo da nossa lista, pois não? O número cinco, talvez, se se tiver muita sorte, mas um número um... quando é que isso acontece? Ela e a melhor amiga Jackie tinham começado a elaborar LTCNP (Listas Top Cinco de Namorados Possíveis) na adolescência, principalmente para poderem rir-se histericamente do gosto uma da outra no que dizia respeito a homens (embora Jackie nunca tivesse achado graça ao facto de Suzie ter atribuído o primeiro lugar a Rick Astley durante dezoito semanas). Jackie já não precisava da lista, pois estava alegremente anichada no seu segundo casamento, mas Suzie ainda tinha uma, que atualizava na sua cabeça praticamente com a mesma regularidade da bolsa de valores londrina. Era o seu consolo, essencial para se assegurar de que ainda não tinha atingido o fundo do poço dos namorados. Infelizmente, com o passar dos anos, tinha sido obrigada a tornar a lista mais realista. As pessoas famosas tinham sido eliminadas quando chegara à casa dos vinte, homens extremamente atraentes tinham sido riscados no início da casa dos trinta e agora, muito francamente, a sua lista consistia principalmente em homens solteiros que não lhe causavam repulsa. Era por esse motivo que Alex havia sido uma revelação tão grande. Solteiro, na casa dos trinta e lindo de morrer. Fora parar diretamente ao topo da lista dela quando che-

gara ao jornal no início do ano para dirigir as vendas e a equipa de publicidade.

Ela tinha tentado não o perseguir como uma adolescente apaixonada, mas se por acaso fosse almoçar ao mesmo tempo que ele, paciência. Tinha de falar com ele; não conseguia pura e simplesmente ignorá-lo. E, sabe-se lá porquê, ela bebia realmente mais café nos dias em que ele trabalhava na redação, o que significava que precisava de ir mais vezes à cozinha que, coincidentemente, ficava em frente à secretária dele.

Feitas as contas, ela tinha de agradecer a Gareth, o novo editor, por tê-los juntado. Gareth tinha-os reunido a todos numa sala no seu primeiro dia de trabalho e exigido que cada um desencantasse pelo menos três ideias para impulsionar as vendas do jornal em dificuldades. Quando ela havia sugerido loquazmente um consultório sentimental, ele vibrara.

— Excelente ideia — dissera ele, dirigindo-lhe o seu melhor sorriso de londrino trintão influente. — Especialmente porque a secção de encontros no website tem atualmente mais visualizações do que a tua secção inteira de lazer — continuara ele mordazmente. — Quero isso pronto na próxima semana e vê com o Alex que tipo de anunciantes isso pode atrair. *Viagra*, *Tampax*, o que for... tem é de dar lucro.

— Tu trabalhas no conteúdo, querida, que eu trago o *Durex* — tinha segredado Alex naquela noite durante uma extensiva e ébria análise retrospectiva do novo diretor no pub com a restante equipa. Depois, dissera-lhe que precisavam de discutir mais profundamente a nova coluna e que podiam fazê-lo no McDonald's porque ele estava a morrer de fome.

Ela dissera severamente para si mesma, enquanto se arrastava aos ziguezagues atrás dele por Piccadilly, que ir a um restaurante de comida de plástico depois de um copo com colegas não constituía um encontro. Contudo, não podia deixar de sentir algum entusiasmo pelo potencial romantismo de se sentar a sós ao lado dele num restaurante, apesar de rodeados de adolescentes obesos e gajas que mais pareciam anoréticas.

Ela era ainda capaz de sentir o sabor daquele primeiro beijo. Queijo com uma pitada de pepino em conserva.

Depois de ele ter satisfeito o apetite, para total espanto dela, tinha-a puxado para cima do joelho naquela mesma janela e tinha-lhe dado um linguado monumental.

Ela conseguia imaginá-los agora a darem risadinhas, como crianças marotas, alheios à sua inconveniente assistência.

— Eu acho-te encantadora — dissera ele quando se tinham finalmente interrompido para recuperar o fôlego e uma mesa de jovens borbulentos tinha aplaudido.

Ela estava praticamente a desmaiar quando um coro de «Dá-lhe um por mim» chegara da mesa ao lado.

— Eu gostava — tinha segredado Alex ao ouvido dela e ela quase desmaiara de novo.

Ela tinha-o levado para a sua cama, claro. Não vira razão para não o fazer. Andava atrás dele havia alguns meses, por isso para quê perder tempo? E, de qualquer forma, tempo era algo que não tinha. Namoros longos eram algo para os jovens de vinte e poucos. Depois dos trinta, era preciso seguir por atalhos para descobrir rapidamente se ele estava com intenções sérias. Adiar o sexo até depois de terem saído algumas vezes era um luxo a que não podia permitir-se.

Por sorte, a consumação pós-McDonald's marcara o início de um belo relacionamento e não se tratara de uma queca alcoolizada entre colegas a nunca repetir. Tinha sido com muita satisfação que ela telefonara a Jackie para anunciar que estava a namorar com o número um da sua lista de namorados possíveis. Uma autêntica estreia. Tinha demorado quase vinte anos a fisgar um líder de lista. Agora, finalmente, ali estava ela convencida de que isso significava que ele era o homem por quem esperara toda a vida e com quem viveria feliz para sempre.

— Acalma-te — dissera Jackie. — Eu sei como tu és. Apaixonas-te e perdes o bom senso. Tu vês demasiadas daquelas estúpidas comédias românticas. Como já te disse vezes sem conta, para no ponto em que tudo dá errado. Assim são muito mais realistas.

Mas desta vez ela estava convencida de que seria diferente. Estava tão feliz que quase sentia que podia ser a Meg Ryan. Antes da cirurgia plástica, obviamente. E antes da confusão com o Russell Crowe. Francamente, o que tinha ela na cabeça?

Ainda assim, tinha-lhe parecido que estavam a viver um conto de fadas. Um mês depois, já saíam juntos todas as noites de sexta e de sábado. Dois meses depois, ele já passava todos os fins de semana no apartamento dela. Três meses depois, já tinham embaraçosas alcunhas carinhosas para o outro. Quatro meses depois, falavam de amor enquanto davam risadinhas debaixo do edredão. Cinco meses depois, ele levava-a à festa de bodas de rubi dos pais. Por amor de Deus, ela tinha conhecido os pais dele. Ele tinha-a levado para conhecer os pais e ela já tinha mais de trinta anos. Decerto ele devia saber o que isso implicava. E agora, seis meses depois, tinham passado disso para uma descuidada mensagem de despedida. Não fazia sentido. Devia estar a escapar-lhe

alguma coisa. Algo devia ter provocado aquela oscilação temporária, ela só não sabia o quê.

Um *bip* insistente do seu telemóvel interrompeu-lhe os pensamentos. Ela sentiu o coração saltar-lhe à boca e a cabeça encheu-se imediatamente com a simples esperança de que fosse Alex a tentar contactar para lhe dizer que se tratava tudo de um erro. Os dedos atrapalharam-se uns aos outros com a pressa para abrir a mensagem. Então o coração voltou a afundar lenta e dolorosamente quando ela viu o nome de Drew aparecer no final de um ríspido lembrete de que em nenhuma circunstância deveria ela tentar qualquer contacto suplicante com Alex durante o momento do pós-rompimento.

Suzie sabia que Drew só estava a pensar no bem dela, mas ele não entendia realmente como era estar no seu lugar. Basicamente à deriva, desesperadamente à procura de alguém que a pudesse ancorar. Ele tinha a sua âncora há tanto tempo que não se lembrava de como era estar a boiar, completamente desamarrado. Por isso tinha de telefonar a Alex. Devia isso a si mesma, pelo menos para descobrir a razão por que ele terminara. Afinal podia ser alguma coisa ridícula. Alguma coisa que pudesse ser corrigida imediatamente. Não podia deixar tudo desmoronar por causa de um estúpido telefonema.

Pela primeira vez nesse dia, ela sentiu uma ponta de esperança quando o autocarro estacou na sua paragem. Apanhou o guarda-chuva do chão enlameado e avançou aos tropeções até à frente. Pelo menos a esperança dava algum consolo.

Infelizmente, a esperança levou um tombo assim que ela entrou em casa. Como se estivesse em piloto automático, olhou para a sapateira. Alex tinha-se habituado a deixar lá as chuteiras de futebol para não ter de ir a casa a correr todas as manhãs de domingo para as ir buscar a caminho de um jogo. Ela tinha mudado os ténis, que nunca usava, para o lado delas, encantada com a visão harmoniosa. As chuteiras tinham desaparecido; alguns pedacinhos de lama permaneciam como cinzas no chão. A escova de dentes dele, o miniaftershave e o desodorizante também já lá não estavam. Ele tinha arrumado friamente as suas coisas e fechado a porta depois de ter saído de casa naquela manhã, sabendo já que era a última vez que ia estar no apartamento.

Ela voltou a descer aturdidamente as escadas, tentando, desesperada, encontrar sentido para tudo aquilo. Arrastou-se apaticamente até à cozinha em busca de cafeína e de algo que fizesse engordar terrivelmente, mas estacou à porta. Susteve a respiração e a mão voou até à boca aberta. Encostou-se pesadamente à ombreira da porta, chocada por estar tão destroçada com o cenário que estava diante de si. Os

olhos percorreram lentamente os vestígios da sua última noite com Alex confusamente empilhados na bancada da cozinha à sua frente.

Duas garrafas de vinho tinto vazias.

A ponta da côdea de uma baguete.

Um recipiente de fondue de queijo congelado.

Meia dúzia de pastéis de carne.

Duas velas ardidadas derramadas sobre duas velhas garrafas de vinho.

Dois copos sujos. Um com marcas de batom. O dela. Um com marcas de dedos engordurados. O dele.

Uma caneca de café quebrada.

Foi a caneca de café quebrada que a fez querer enrolar-se numa bola e chorar. A caneca que menos de vinte e quatro horas antes Alex tinha atirado ao chão num acesso de paixão, as suas mãos percorrendo-lhe o corpo e fazendo-a rir baixinho e suspirar antes de se render e de se deixar levar até ao quarto. A caneca de café que tinha sido quebrada antes do que possivelmente teria sido o melhor sexo até então, estimulado pela euforia resultante de Alex lhe ter dito que queria passar o Natal com ela e a família dela.

Suzie tinha estado tão nervosa com a perspectiva de o convidar. Mas como estava sempre a dizer para si mesma, todos os indícios sugeriam que ela não estava a entrar em território perigoso. Passavam o tempo todo juntos, ela já conhecia toda a família dele e dava-se lindamente com os amigos dele. Mesmo assim, ela tinha-se esforçado para ser superdescontraída para garantir que ele não se sentisse minimamente pressionado a aceitar.

— É a minha mãe quem vai fazer o jantar de Natal este ano — tinha ela dito, enquanto lhe servia vinho. — Gostavas de ir?

Ele tinha olhado para ela por um instante, depois sorrido e afirmado «adoraria», antes de se lançar sobre ela, derrubando a caneca de café para o chão.

O estômago deu uma volta quando ela obrigou a mente a deambular até um lugar onde não se aventurava a ir havia algum tempo. Imagens vívidas de lareiras acesas e de luzinhas cintilantes e Alex a entregar os presentes perfeitos a toda a sua família antes de surgir com um extra especial. Uma pequena caixa escondida na árvore de Natal contendo um...

Ela gemeu e abraçou-se com força quando se apercebeu do quão idiota tinha sido. Fora depressa de mais para ele, isso era óbvio. Tinha-o convidado para o Natal e assustara-o. Não fazia mal nenhum ela conhecer a família dele, mas era nitidamente um passo demasiado longo ele conhecer a sua. Ele tinha entrado em pânico e fora essa a

razão do rompimento. Ela tinha cometido um erro. Um estúpido erro. Porquê, oh, porque é que o tinha convidado? Porque é que não tinha simplesmente deixado as coisas seguirem o seu rumo? Que fosse ele a marcar o ritmo em vez dela.

Deixou-se cair no chão, cabeça entre as mãos. Sentia-se nauseada. Nauseada com o seu erro e com a perspectiva do que reservava agora o Natal. A mãe a fazer-lhe perguntas enervantes com o intuito de desvendar se a sua velha filha solteira era, na verdade, lésbica, e a presunçosa da irmã mais nova a atormentá-la com os planos para a sua iminente despedida de solteira.

Ela teria pura e simplesmente de retirar o convite. Dizer-lhe que não estava a falar a sério. Ele podia fazer o que bem lhe apetecesse no Natal. Não interessava, desde que estivessem juntos. Iria telefonar-lhe e oferecer algumas opções. Isso tinha de ser melhor do que ele acabar a relação só porque estava preocupado por ter de passar o Natal com a família dela. Haveria coisa mais estúpida?

Encontrando uma vez mais uma migalha de esperança, levantou-se e tirou o telefone de cima da bancada da cozinha. Respirou fundo e marcou o número dele antes de levar tremulamente o telefone ao ouvido e de esperar dez ansiosos e excruciantes toques antes de ele atender a chamada.

— Alex — disse ele.

— Olá, sou eu — disse Suzie.

— Quem? — perguntou Alex.

— Eu, a Suzie.

— Oh — disse ele. — De onde estás a ligar-me?

— De casa. Porquê? — perguntou ela.

— Oh — disse ele outra vez. — Não reconheci o número.

Seguiu-se uma pausa desconfortável.

— Olha, Suzie — disse Alex.

— Olha, Alex — disse Suzie ao mesmo tempo. — Não precisas de ir a casa dos meus pais no Natal — disse ela de repente. — Podíamos antes ir para fora, para algum sítio quente, qualquer lugar que quiseses. — Calou-se. Ele não respondeu. Ela escutou o silêncio na esperança de que fosse o som do alívio dele.

— Olha, Suzie — disse ele por fim. — Está na hora de seguir em frente, querida. Como eu disse, não estava simplesmente a funcionar para mim.

Desta vez foi o silêncio dela que pairou por momentos.

— Não estava a funcionar? — disse ela num tom de lamento. — Desde quando?

— Oh, acho que já há algum tempo — disse ele, sem apresentar mais nenhuma explicação.

— Mas... mas eu não compreendo — disse ela, dando voltas à cabeça para tentar encontrar algum sentido naquilo tudo. — Tu levas-te-me à festa das bodas de rubi dos teus pais — disse ela mais para si mesma do que para ele.

— Oh, isso foi só para eles pararem de me aborrecer. Estão sempre a chatear-me com a conversa de eu ter de assentar e eu pensei que se te levasse comigo, eles pudessem ficar calados durante uns tempos. Para ser sincero, Suzie, há já algum tempo que estava a pensar acabar.

— Mas... — disse Suzie encostando-se à bancada da cozinha. — Mas ontem à noite disseste que querias passar o Natal comigo. — Ela sentia-se uma criança patética, maçadora e lamurienta, mas não conseguia evitar. Ele dera-lhe esperanças e agora toda a esperança tinha morrido.

— Querida — disse ele. — Apanhaste-me um bocadinho desprevenido. Eu só aceitei porque era demasiado tarde, estava cansado e não queria uma conversa demasiado emocional sobre o motivo pelo qual estava prestes a reservar uma semana nos Alpes pelo Natal com os meus amigos.

Ela susteve a respiração.

— Mas fizemos sexo — murmurou ela. — Duas vezes.

— Como eu já disse, não queria uma conversa demasiado emocional — respondeu ele.

— Fizeste sexo comigo para eu acabar com a conversa do Natal? — exclamou ela. O que estava ele a dizer? Ela não podia estar realmente a ouvir aquilo.

— Não — protestou ele. — Eu fiz sexo porque... porque... bem, porque eu gosto mesmo de fazer sexo.

Ela esperou que ele concluísse a frase.

Ele não concluiu.

— *Comigo!* — gritou ela ao telefone. — Tu devias dizer que gostas mesmo de fazer sexo *comigo*, seu estúpido!

Bateu com o telefone na bancada e deitou um garfo de fondue perdido ao chão.

Avaliou uma vez mais a consequência dos seus esforços da noite anterior e tentou fazer a cozinha parar de girar.

Ela tinha corrido Manchester à procura de um conjunto de fondue depois de Alex ter comentado que adorava fondue porque isso lhe fazia sempre lembrar tempos felizes de férias na neve.

Tinha sido ela a fazer os pastéis de carne na esperança de que isso

o pusesse bem-disposto. Uma semana de prática tinha finalmente produzido alguns resultados aceitáveis e depois Alex tinha-lhe dito que não gostava de pastéis de carne.

O batom no copo lembrava-a de que tinha até comprado um top novo, lavado o cabelo e colocado maquilhagem.

Tudo isso apenas para se atrever a perguntar-lhe se queria passar o Natal com ela.

A caneca de café quebrada. Tudo isso para ele fazer sexo com ela porque gostava. Não necessariamente com ela. Gostava simplesmente. Tudo isso para lhe enviar uma mensagem eletrónica a terminar tudo.

Ela afundou-se lentamente pela porta da cozinha abaixo até entrar de novo em contacto com o chão. Abraçada aos joelhos, enterrou a cabeça e esperou pelas lágrimas. Mas estas não vieram. Tudo o que conseguiu foi respirar fundo à medida que a fúria crescia dentro dela.

Como podia ter sido tão estúpida e pensar que aquele ia ser o seu final feliz?

Como podia ter-se submetido mais uma vez a uma coisa daquelas? Acreditar que se tinha apaixonado pelo príncipe encantado para descobrir que andara a dormir com o vilão o tempo todo. Uma vez mais.

Uma visão dos quatro duendes ergueu-se dentro da sua cabeça como um filme qualquer de terror psicológico. Quatro caras de desenho animado a rirem-se dela, cabelos psicadélicos a lamber-lhes as caras como o fogo do inferno.

— Canalhas! — gritou ela aos pontapés. — Todos vocês! Mas vou vingar-me de todos!

Ela não fazia ideia de quanto tempo ali ficou sentada encolhida numa bola, com ondas de fúria a submergi-la enquanto refletia sobre o passado e especulava sobre o futuro. Ela odiava onde estava e naquele momento culpava-os a todos. Naquele momento sentia que eles não tinham arruinado apenas toda a sua vida amorosa, tinham arruinado toda a sua vida.

A sua angústia acabou por ser perturbada pelo som do telemóvel a tocar algures na entrada. Levantou-se com esforço na esperança de se tratar de um ouvido solidário que tivesse adivinhado a sua aflição. Não era. Era Gareth. Ela respondeu rapidamente, sabendo que ele descompunha qualquer pessoa que ignorasse os seus telefonemas.

— Suzie, é o Gareth — disse abruptamente o editor.

— Olá — disse ela secamente, sem paciência nenhuma para um dos seus abomináveis achaques.

— Acabei de olhar para o teu consultório sentimental desta sema-

na e está uma merda — disse ele. — E os nossos valores de audiência não mostram nenhum incremento no número de leitores do sexo feminino. Quero uma proposta melhor na reunião de equipa de amanhã. Algo que não me dê vontade de vomitar.

A linha emudeceu.

CAPÍTULO TRÊS

Completa e absolutamente horrorizado, Drew tinha visto Suzie sair atordoada da redação. *Porque eu amo-o?* Que raio de desculpa idiota era aquela? Como é que Suzie, uma mulher atraente, normalmente inteligente, permitia que alguém como Alex a fizesse passar por parva, era algo que ele nunca entenderia. Não era capaz de ver para além daquele charme todo e da lábia melíflua? Não era capaz de ver que ele era tão profundo como o bronzeado artificial e que só tinha sentimentos genuínos por si próprio? Não era capaz de ver que ele só tinha andado com ela porque ela tinha o seu próprio apartamento e ele precisava de ter algum lugar onde dormir enquanto o dele estava em obras?

— Porque eu amo-o — murmurou ele para si mesmo, abanando a cabeça. Ele sentia um profundo desgosto por aquela frase em particular. Era o «porque» que a arruinava. O «porque» conferia um mau tom às outras palavras perfeitamente agradáveis. O «porque» transformava a frase numa justificação e não numa afirmação. Uma justificação das deficiências do sujeito em questão. Uma justificação que permitia que as deficiências continuassem sem desafio nem recriminação. Drew sabia isso muito bem. Tinha passado bastante tempo a analisar essa mesma frase já que fizera parte de uma das conversas mais significativas da sua vida. A última tinha sido com a mãe antes de partir para a universidade.

— Porque não o deixas, mãe? — tinha-lhe ele perguntado num

ímpeto de coragem quando entrava no carro. Era a primeira vez que ele falava em público do estado pavoroso do casamento dos pais.

Os olhos dela tinham-se enchido de lágrimas e ela ficara a olhar fixamente para ele antes de dizer: — Porque eu amo-o.

O pai dele era proprietário de um pub num subúrbio degradado de Manchester e tinha-se debatido durante muitos anos para resistir à tentação do desfile de mulheres casadas negligenciadas que lá entravam para se embebedar e para desabafar os problemas ao seu ouvido sempre atento. A mãe tinha-o encontrado a primeira vez enrolado numa ruiva esquelética na cave depois da hora do fecho quando Drew tinha uns doze anos. Ele conseguia ainda vê-la sentada à mesa da cozinha, pálida como cal e a tremer, enquanto o pai implorava perdão e atirava promessas ocas como confetes. A dada altura, durante os dias repletos de angústia que se seguiram, a mãe foi-se abaixo e perdoou-o para poder manter o estatuto, mas a vida nunca mais foi a mesma. Períodos de calma relativa prevaleciam até o pai fazer asneira, ser descoberto e a mãe ficar destroçada. Ela chorava dias a fio até o perdão começar de novo a tomar forma no pensamento dela, tal como o pai disse que aconteceria com uma dissimulada piscadela de olho certo dia ao pequeno-almoço. Havia uma parte de si que estava zangada com a mãe. Por ser fraca e por se submeter, não só a si própria como a ele, àquela mentira de família. E por usar o «amor» como desculpa. Ele jurara nunca deixar que isso o afetasse daquela maneira. O amor não tinha o direito de forçar uma pessoa a viver uma vida de inferno como acontecera com a mãe. Não tinha o direito de manipular, de fazer uma pessoa andar de Herodes para Pilatos e de lhe confundir as ideias. Ele acreditava que o amor era algo para ser controlado e gerido com mão firme e as ideias em ordem. O coração devia ter um papel secundário, custasse o que custasse, ou a pessoa acabaria como a mãe dele... e Suzie, já agora.

Se Suzie experimentasse usar um pouco mais a cabeça em vez de dar ouvidos ao coração mal orientado, podia ter melhor sorte. Ele esperava que ela tivesse lido a sua mensagem ameaçadora a respeito de qualquer contacto que ela pudesse estar a pensar estabelecer com Alex durante a depressiva fase pós-rompimento. Ele não duvidava nada que ela lhe telefonasse a implorar uma segunda oportunidade, tal era o nível de bom senso que aplicava à sua vida amorosa. Olhou para o telemóvel para ver se ela tinha respondido no preciso momento em que este começou a tocar, anunciando a chegada de uma chamada muito bem-vinda.

— Não gosto que me liguês para o trabalho — disse ele ao atender.

— Desculpa, estou a incomodar-te? — perguntou uma mulher com uma voz baixa e calma.

— De todo — respondeu ele. — Estava a precisar de uma dose de sanidade.

— Ainda bem — disse ela. — Estou a ligar-te por causa da apólice de seguro que querias que eu verificasse.

— Ótimo — disse ele, aliviado por estar a ter uma conversa com uma mulher que não envolvia emoções fortes.

— Bem, eu vi isto da perspectiva de advogada e é certamente tudo legal — disse ela. — E de um ponto de vista pessoal, penso que tens razão. É uma ideia bastante sensata segurarmos o nosso casamento.

— Eu sabia que ias concordar, Emily — disse Drew, recostando-se na cadeira e congratulando-se uma vez mais pela noiva que escolhera. Era por isto que Emily era a mulher perfeita para ele.

Alguém que, no meio do frenesim do planeamento do casamento, era capaz de discutir seguro nupcial de modo sensato em vez de telefonar em lágrimas com histórias de calamidades com cravos ou de desavenças com damas de honor.

— Bem, eu penso que é incrivelmente simpático da tua parte preocupares-te com o facto de o meu pai poder desperdiçar dinheiro se, por algum acaso, acontecer um desastre — disse ela.

— Bem, visto que ele se recusa a deixar-nos pagar seja o que for, eu penso que é o mínimo que podemos fazer, não achas?

— Completamente. E é bom saber que temos garantias se algum dos fornecedores fizer asneira da grossa.

— Exatamente.

— Ou — disse ela quando Drew a ouviu mexer em papéis do outro lado da linha. — Ou se fores inesperadamente transferido para o estrangeiro enquanto membro das forças armadas britânicas.

Ele também gostava do sentido de humor sarcástico dela.

— Tens razão, Emily — disse ele a rir-se. — Isso seria um desastre.

— E muito inesperado — respondeu Emily. — Mas vou dormir melhor sabendo que teríamos capacidade para pagar o casamento, mesmo que algum de nós sofresse uma lesão corporal acidental que pudesse provocar a morte, ou a invalidez permanente.

Drew refletiu por instantes naquela afirmação.

— Então casavas-te comigo na mesma? — perguntou ele.

— Não se estivesses morto, obviamente — respondeu Emily. — Quanto à invalidez, depende do nível. — Seguiu-se uma pausa e era quase possível ouvir-se o cérebro considerável de Emily a funcionar. — Acho que lesões cerebrais não me deixavam outra opção a não ser

cancelar. Porém, perda de membros pode ser aceitável desde que não sejam todos.

— Compreendo — disse ele. — Então exatamente que membros devo evitar perder, se quiser continuar com hipóteses?

— Bem — disse ela depois de pensar por alguns momentos. — Braços. Acho que queria que continuasses a ter braços.

— Alguma razão particular para isso?

— Não quero passar a vida de casada a limpar-te o traseiro, pois não?

— Bem visto — respondeu Drew. Ocasionalmente, a próspera carreira de Emily como advogada de divórcio dava-lhe uma visão obscuramente prática do casamento.

— Então, há mais alguma coisa que eu deva evitar, para além da perda dos braços? — perguntou Drew.

— Bem, é melhor veres com o Toby para onde ele te vai levar na tua despedida de solteiro porque não há cobertura para morte, invalidez ou lesão resultantes de participação em quaisquer atividades perigosas, incluindo voo livre, mergulho, paraquedismo, automobilismo, escalada, montanhismo ou equitação.

— Bom, acho que é seguro dizer que é extremamente improvável que o Toby tenha organizado equitação para a minha despedida de solteiro. Podemos excluir essa hipótese.

— É uma pena não podermos fazer um seguro contra o Toby. — Emily suspirou. — Eu sei que ele é o teu melhor amigo, mas é a pessoa com maiores hipóteses de causar algum tipo de desastre no nosso casamento.

— Não, ele está a encarar tudo muito a sério — defendeu Drew. — Eu tive uma pequena conversa com ele e avisei-o de que ele tinha de se comportar. Nada de surpresas.

— Bem, é ver para crer — disse ela, remexendo outra vez em papéis. — Uma última coisa e depois tenho de desligar, já que agendei uma reunião com um cliente para daqui a cinco minutos.

— Diz.

— Bem, a apólice determina que na eventualidade de alguma das partes se acobardar antes do dia, eles oferecem cobertura para aconselhamento profissional, mas não cobrem quaisquer custos associados.

Drew deixou que o silêncio que se seguiu ao comentário de Emily se arrastasse um bocadinho de mais. Depois compensou com umas fortes gargalhadas.

— Quão tranquilizador — disse ele depois da explosão. — Pode-

mos levar o teu pai à falência, mas não é provável que cortemos os pulsos.

— Pois, exatamente — respondeu Emily, a rir-se também. — Ainda bem que não há absolutamente hipótese nenhuma disso após este tempo todo. Credo, se não pudermos ter a certeza agora, quando tere-

mos?

— Não — disse ele. — Seria completamente ridículo se um de nós se acobardasse depois de dezasseis anos.

— Tens razão — concordou Emily.

— Que figura de idiotas faríamos por termos perdido todo esse tempo — disse ele.

— Pois — disse Emily.

— Que diabo diria toda a gente? — perguntou ele.

— Hum — respondeu ela.

— Seríamos motivo de zombaria — acrescentou Drew.

Seguiu-se mais um silêncio antes de Emily o quebrar.

— Por isso terei todo o prazer em organizar este seguro — disse ela alegremente.

— Tens a certeza? — respondeu ele. — Deves estar tão ocupada a organizar todas as outras coisas.

— Não é trabalho nenhum. O resto está tudo controlado.

— Bem, obrigado.

— Bom, tenho de ir. Até logo à noite.

— Ok, até logo então.

Drew pousou o telefone, fitou a fotografia de noivado tirada por um profissional que tinha em cima da secretária e indagou-se pela enésima vez se seria realmente ele a sorrir como se tivesse saído de um catálogo. Alguns minutos depois, abanou a cabeça e decidiu verificar como a sua equipa de futebol fantasia estava a sair-se. A questão verdadeiramente crucial do dia.

CAPÍTULO QUATRO

Querida Suzie,

Há mais de seis meses que ando a sair com um colega de trabalho e está a correr muito bem, por isso decidi convidá-lo a passar o Natal comigo e a minha família. Como poderá imaginar, fiquei felicíssima quando ele disse que adoraria ir. No dia seguinte, enviou-me uma mensagem por telemóvel a dizer-me que estava tudo terminado e que ia passar os dias de Natal com os amigos. Referiu que não me tinha dito nada na noite anterior porque queria fazer sexo. Eu ainda o amo e quero-o de volta. Que devo fazer?

Cumprimentos,

Uma Romântica Incurável

Agora já tinha a total atenção deles. Os três homens estavam imóveis a olhar fixamente para ela do outro lado da mesa de reuniões, uma miríade completa de reações atravessando-lhes o rosto quando ela acabou de ler a carta exibida em toda a sua glória no ecrã de projeção atrás dela.

Contudo, um olhar para Gareth provocou-lhe uma onda de pânico pelo corpo todo. Ele parecia confuso, prestes a enfurecer-se. Estaria ela a cometer um erro descomunal? Tinha-lhe parecido uma ideia tão boa às três da manhã, quando andara a bater com a cabeça nas paredes depois de quatro canecas de café, três pacotes de rebuçados e duas bar-

ras de *Galaxy* em consequência de uma ida tardia à estação de serviço. Estar ali agora à beira do suicídio profissional parecia-lhe a insanidade absoluta.

— Eu cheguei à conclusão de que ninguém dá o tipo de conselho que seria realmente útil — tinha ela dito ao editor de ar entediado no início da apresentação. — Ninguém diz realmente às mulheres como lidar com os homens que lhe lixam a vida.

— Suzie — dissera-lhe Gareth, levantando a mão para lhe indicar que parasse. — Quando eu te disse para tratares do consultório sentimental, o que eu queria dizer era que me desses alguma coisa para ler que não me provocasse arrepios e que atraísse mais publicidade. O que eu não quero são tretas feministas.

— Não são tretas — respondera ela, esforçando-se para controlar a fúria diante daquelas palavras severas. — O que eu estava a escrever antes é que era uma autêntica treta. Patético, desinteressante, sem qualidade, uma droga de aconselhamentos que todas as outras conselheiras sentimentais produzem em série. Para que serve isso? Já ouviram falar de alguém que tenha salvo a relação preenchendo silêncios constrangedores numa sala com uma mulher de meia-idade que faz perguntas sobre a sua infância irrelevante?

Gareth bebera um gole do copo de papel de café sem desviar os olhos dela.

— Continua — dissera ele, pousando novamente o café.

Ela olhara para Drew, em busca de encorajamento, mas as sobrancelhas dele estavam tão subidas na testa que praticamente tinham desaparecido debaixo do cabelo. Ela pretendia mostrar-lhe tudo naquela manhã, mas ele tinha chegado atrasado e ido direito à reunião.

Naquele momento, Alex, o terceiro homem na reunião, estava completamente absorvido no seu *BlackBerry* e não estava a ouvir praticamente nada do que ela dizia. Suzie sentiu uma pontada de raiva pura que lhe deu o estímulo de que estava a precisar. Ainda estava eriçada onde ele lhe havia tocado mais cedo, depois de ter entrado apressadamente na sala, já atrasado.

— Bom-dia, pessoal — tinha ele dito como se não tivesse uma única preocupação na vida. — Desculpa o atraso, Gareth, mas foi um caos. Estive ao telefone a manhã toda a tentar conseguir um mega-anunciante.

— Não me digas nada — dissera Gareth por entre dentes cerrados — até estar no papel. Estou farto das tuas promessas caricatas. Agora senta-te e aguarda a tua vez.

Ela sentira Alex aproximar-se por trás, nitidamente indiferente ao

sarcasmo de Gareth. Não se atrevera a olhar para ele por não estar completamente certa de ter as emoções totalmente controladas. Mas antes de ele ter aparecido no seu campo visual, ela tinha sentido a mão dele sobre o ombro direito. Surpreendida, ela saltara na cadeira antes de ele lhe dar um suave aperto de apoio e de se sentar mesmo ao seu lado.

Como se atrevia a tocar-lhe? Apoio e toques teriam sido apropriados para o dia anterior, quando acabara tudo com ela. Olhou para ele em choque. Ele fitou-a também e disse com os lábios: «Estás bem?» antes de lhe apertar a mão e de colocar uma falsa expressão de preocupação no rosto.

Agora já não tinha essa expressão no rosto. Estava completamente pálido, de olhos esbugalhados e de queixo caído. Ela precisara de tossir para conseguir a atenção dele antes de ler em voz alta a carta projetada no ecrã, explicando que se tratava de uma carta simulada para exemplificar o seu novo estilo de consultório. Ver a expressão de estupefação dele, aumentou a determinação dela. Ele merecia aquilo. *Ela* merecia aquilo. Algures a meio da noite, chegara à conclusão de que não tinha nada a perder. A sua vida amorosa era um desastre e, quanto à sua carreira, bem, ser responsável por um consultório sentimental não era propriamente estar a realizar o seu sonho de se tornar a próxima Kate Adie. Por isso, que se lixasse. Se fosse tudo por água abaixo, ela escreveria um *Comer, Rezar, Amar*. Embora, conhecendo a sua sorte, este acabasse por ser mais um *Comer, Rezar para não engordar, Amar ser obesa e solteirona*.

Agora não havia volta a dar. Ela teria de respirar fundo, ir até ao fim e esperar sair dali sem arranhões.

— É agora vou mostrar-vos como a Querida Suzie irá responder de futuro — disse ela, debruçando-se para passar ao ecrã seguinte sem desviar os olhos de Alex. Leu lentamente a carta de resposta, permitindo a absorção de cada palavra.

Querida Romântica Incurável,

Você é uma idiota.

Ele não quer saber de si para nada.

Por favor, leia repetidamente a frase supracitada até acreditar nela, porque é a verdade.

O meu correio está cheio de mulheres como você. Mulheres que me escrevem em busca de esperança. Esperança de que haja alguma coisa que possam fazer para transformar o seu pesadelo num conto de fadas, para poderem viver felizes

para sempre. Escute bem isto.

Esqueça a esperança.

A esperança não é sua amiga.

A esperança é o demônio que irá levá-la a tomar inúteis medidas desesperadas.

Por isso, siga em frente. MAS não antes de mostrar a esse homem que ele não pode espezinhar o seu coração partido.

Não antes de lhe ensinar que os seus atos têm consequências.

Não antes de o fazer sofrer da mesma forma que ele a fez sofrer. E se não conseguir fazer isto por si própria, faça-o pelas outras mulheres, para lhe ensinar que ele tem de tratar melhor a próxima.

Então, Romântica Incurável, o seu colega cobarde terá de aprender, não uma, não duas, mas três valiosas lições.

Lição número um: Nunca, jamais, se arruína o Natal de uma mulher.

Suzie ergueu os olhos com o coração a bater tão alto que se admirava por eles não conseguirem ouvi-lo. Drew estava ainda de olhos completamente esbugalhados; Gareth, graças a Deus, estava a olhar vagamente interessado e Alex fitava-a como se ela fosse completamente louca.

Ela teve a sensação de estar a ter uma experiência extracorporal. Como se estivesse a ver outra pessoa a fazer uma autêntica figura de parva; ou talvez fosse esse o seu desejo. Esforçou-se imenso para parecer controlada e confiante quando se debruçou para diante para puxar o telefone de conferência do centro da mesa para junto de si.

— Agora passemos a uma demonstração prática — disse ela, premindo o botão de marcação do último número e sentindo os três homens na sala a olharem uns para os outros em confusão. O telefone tocou, preenchendo o silêncio até se ouvir alguém atender.

— Está, fala a Pauline — disse uma voz de mulher.

— Olá, Sra. Collingwood — disse rapidamente Suzie antes que Alex tivesse tempo de expressar a sua estupefação por ela estar a ligar para a mãe dele a meio de uma reunião de trabalho. — Aqui fala a Suzie outra vez e tenho o Alex comigo.

— Muito bem, querida. Como está ele?

— Oh, ele está a ser muito corajoso, Sra. Collingwood.

— Está? Que bom. Estou tão feliz por me ter ligado, Suzie. Estive a pensar no assunto a manhã toda. Eu sei que é muito duro quando se

termina uma relação, mas é tão amável da sua parte estar preocupada com a forma como o Alex vai lidar com isso.

— Com pais como vocês a ajudar, tenho a certeza que ele vai conseguir ultrapassar, Sra. Collingwood.

— Bem, nós estamos sempre aqui para o apoiar, ele sabe isso. Não se importa de o colocar ao telefone para eu falar com ele?

— Claro. Aqui está ele. — Suzie acotovelou Alex nas costelas.

— O que estás tu a fazer? — disse ele num sussurro.

— Diz-lhe só olá — respondeu ela.

— Eh, olá, mãe — disse ele, levantando as mãos, completamente confuso.

— Oh, Alex, tenho tanta pena que as coisas não tenham funcionado com a Suzie. Quando ela me ligou para me dizer que tinha terminado a vossa relação, eu tive vontade de chorar por ti, a sério. E ela disse que estavas a aceitar mal e que o que mais te preocupava era teres de passar o Natal sozinho. Bem, meu menino, já não precisas de te preocupar com isso. Claro que nós adoraríamos ter-te cá connosco. Há tanto tempo que não nos vemos. E as tuas sobrinhas e sobrinhos pequenitos vão adorar ter o tio Alex preferido para brincar com eles, para variar. Já liguei às tuas irmãs e está tudo combinado. Um Natal em família é exatamente do que precisas para saíres do marasmo.

Alex não parava de abrir e de fechar a boca.

— Mas, mãe... — conseguiu finalmente desembuchar enquanto olhava enrubescido para Suzie. — Eu ia...

— Nada de mas, meu menino; vens passar o Natal no seio da família e ponto final. Nós vamos tratar de ti, filho. Em breve serás de novo um homem alegre. Agora tenho de desligar porque o teu pai vai levar-me à Sainsbury's para escolher os presentes. Ligo-te mais tarde para ver se passaste um bom dia. Ânimo, filho. Adeus.

A linha emudeceu e, por um instante, fez-se silêncio na sala. Suzie não tinha previsto o que poderia passar-se naquele ponto da reunião. O seu coração continuava a bater exceccionalmente depressa, mas ela conseguia sentir uma outra coisa, algo desencadeado pela expressão de choque e consternação no rosto de Alex. Algo que era nitidamente uma sensação de triunfo, até de alegria. O que lhe apetecia verdadeiramente fazer era olhar para a cara de Alex e soltar um extremamente juvenil: «Waaaaah». Olhou para Drew. As sobrancelhas dele estavam ainda desaparecidas, mas ele anuía com a cabeça e sorria aprovadamente enquanto dirigia um singular olhar nervoso a Gareth.

— Continua — latiu Gareth, quebrando subitamente o silêncio enquanto Alex continuava aparvalhado.

— O quê?! — guinchou Alex. — Mas ela... — começou.

— Para — disse Gareth, levantando a mão a Alex. — Eu disse que podias falar quando fosse a tua vez. Agora eu quero ver o resto que ela tem. Continua, Suzie.

— Oh — disse ela. Ainda não tinha sido despedida e isso só podia ser um bom sinal. Premiu o botão para passar ao slide seguinte.

Lição número dois: Nunca transmitir más notícias através de mensagem escrita.

Pegou no telemóvel, premiu alguns botões e tornou a colocá-lo sobre a mesa, cruzou os braços e sorriu para Alex. Uns segundos depois, o telefone dele apitou fazendo-o dar um salto na cadeira como se se tratasse de uma bomba-relógio

— Não vais ler a mensagem? — perguntou ela.

— O quê? Agora? — disse ele.

— Agora — gritou-lhe.

Ela nunca o tinha visto tão desconfiado para com o aparelho que normalmente se encontrava colado ao ouvido ou aos dedos dele. Pegou cuidadosamente nele e premiu os botões necessários para abrir a mensagem que ela lhe tinha enviado. Olhou nervosamente para ela antes de baixar os olhos para a ler. Menos de um segundo depois, tinha deixado cair o telemóvel no chão como se este o tivesse queimado.

— És louca — gritou ele com voz esganiçada. — Diz-lhe para parar! — gritou para Gareth.

Gareth não disse nada, limitando-se a levantar interrogativamente as sobrancelhas em direção a Suzie.

Ela dobrou-se para a frente para passar ao slide seguinte.

— Esta é a mensagem que o Alex acabou de receber — explicou ela a Gareth e Drew quando as três palavras surgiram no ecrã.

UMA PALAVRA — BOBBITT.

Foi então que Drew perdeu o controlo. Um som semelhante a uma pequena explosão, tosse e engasgo misturados com riso histérico, emergiu da sua boca ao ver a cara pálida de Alex. Gareth parecia confuso e olhava de uns para os outros completamente desnordeado. Suzie apresentou rapidamente uma explicação.

— Para os que desconhecem a situação da Lorena Bobbitt, eu explico. — Mudou o ecrã para mostrar um recorte de jornal com a manchete CRIMES ABAIXO DA CINTURA: REMOÇÃO DE PÊNIS E CASTRAÇÃO. Gareth susteve a respiração quando Suzie descreveu

a infame Lorena Bobbitt da Virgínia, EUA, e a sua reação extrema perante o mau comportamento do marido no ano de 1993.

Assumindo o sorriso malicioso de Gareth como um sinal positivo, Suzie decidiu continuar enquanto parecia que estava a conseguir os seus intentos.

— E, finalmente, a lição número três — disse Suzie, passando ao último slide.

Lição número três: Sexo é um privilégio, não um direito.

Alex estava agora completamente mudo, a olhar suplicantemente para Gareth, que se tinha recostado na cadeira e cujo sorriso malicioso estava a transformar-se num sorriso aberto. Suzie contornou a mesa em direção a Alex, que se encolheu quando ela estendeu o braço para tirar algo da prateleira atrás dele, coberto pelo seu melhor pano de louça *Cath Kidston*. Colocou-o diante dele antes de arrancar o pano para revelar um suporte com um conjunto completo de facas. Alex gemeu quando Suzie tirou com um floreio uma enorme faca de trinchar.

Os três homens estavam agora calados, um vestígio de medo a cintilar nos seus olhos. Parecia que toda a sala estava a sustentar a respiração até Suzie encolher os ombros e colocar uma mão tranquilizadora sobre o ombro de Alex, fazendo-o, satisfatoriamente, encolher-se de novo.

— Não entres em pânico, eu não ia usar isto em ti — disse ela, tornando a colocar a faca no suporte.

Alex afundou-se na cadeira, emocionalmente exausto.

— Acho que isto é mais o teu tamanho, não achas? — Tirou uma pequena faca descascadora de legumes, garantiu que todos a tinham visto e depois bateu-a com força em cima da mesa diante dele antes de se dirigir calmamente para a frente da sala e de se virar para a sua assistência.

— E isto, senhores, conclui a minha apresentação — disse ela. — Alguma pergunta?

Um silêncio horrorizado pairava no ar, já que ninguém se tinha preparado para o que acabara de acontecer e por conseguinte para o que deveria acontecer em seguida.

Foi Drew quem se levantou primeiro. Aplausos fortes encheram a sala enquanto ele sorria abertamente para Suzie.

— Sensacional — disse ele. — Simplesmente sensacional.

E, para completo choque dela, Gareth levantou-se também e juntou-se a ele nos aplausos espontâneos.

— Sensacional, não — disse Gareth. — Genial. Foi o que foi. Absolutamente genial. Olhem para ele. O sonho de qualquer mulher vítima de injustiça é apanhar um homem assim. — Alex continuava sentado na sua cadeira, tão branco como cal, a olhar fixamente para a faca. Uma gota de suor tinha nascido na sua testa. Gareth bateu na mesa com ambos os punhos. — Adoro — gritou. — É diferente, é controverso, é engraçado. Uma coluna dedicada à vingança. É disso que precisamos. — Sentou-se abruptamente enquanto tentava organizar os pensamentos. — É tão... tão... o que é Drew? — perguntou ele, estalando os dedos em direção a ele.

— Sensacionalista? — sugeriu Drew.

— Sim, é isso. Sensacionalista! — gritou ele, levantando-se de novo e contornando a mesa ao encontro de Suzie antes de lhe pegar nas mãos. — Por favor, diz-me que és capaz de fazer isso para as outras perdedoras como tu — pediu ele.

Aparvalhada por ter sido chamada de génio e de perdedora no mesmo fôlego pelo patrão, Suzie sentia que tinha entrado num universo paralelo. Ela esperara estar no olho da rua no final daquele dia.

— Posso tentar — conseguiu ela dizer.

— Os homens torturados de Manchester ficarão eternamente em dívida para contigo — disse-lhe ele solenemente antes de se virar e de acenar com o dedo a Alex.

— Quanto a ti — continuou. — À hora do almoço quero uma lista de potenciais anunciantes. Liga para a Argos. Vê se querem fazer publicidade a facas de cozinha. — Fez uma pausa suficientemente longa para Alex ficar ainda mais branco. — Estava a brincar — acrescentou, dando uma palmada nas costas de Alex. — Nada de facas — disse Gareth a Suzie. — Os advogados não iam gostar.

— Ok — sussurrou ela, perguntando-se que diabo teria começado.

— Excelente — retorquiu Gareth olhando para o relógio. — Vamos suspender agora, preciso de fazer uns telefonemas. Voltamos daqui a meia hora.

Saiu disparado da sala, deixando Drew a sorrir para Suzie. Aproximou-se e colocou ambas as mãos nos ombros dela.

— Sensacional — disse ele uma vez mais antes de virar costas e de a deixar a sós com Alex.

— Estás bem? — Não conseguiu evitar perguntar. Ele parecia tão fraco e patético, quase como se estivesse prestes a vomitar. Alex desviou lentamente os olhos da faca e olhou para Suzie de uma forma que ela nunca tinha visto antes. Ela ficou a olhar fixamente para ele a tentar perceber do que se tratava até se aperceber de que ele estava a olhar

para ela com uma expressão de total e completa admiração. — Um pedido de desculpas serve.

— Desculpa — disse ele, mordendo o lábio e anuindo com a cabeça. — Desculpa-me.

Ela levantou-se lentamente e aproximou-se dele. Quão boa a sensação de o ver recostar-se na cadeira com o medo de regresso ao rosto. Ela parou por um instante antes de lhe apertar o ombro e senti-lo encolher-se uma vez mais. Um sorriso malicioso preencheu-lhe o rosto e ela saiu da sala de cabeça bem erguida.

— Um já está, faltam três — murmurou ela.

CAPÍTULO CINCO

— Não posso acreditar que nunca aqui estiveste — disse Suzie enquanto arrastava Drew através da porta de um bar de aspeto assustadoramente animado.

Ele tinha tido todo o gosto em aceitar o convite de Suzie para irem beber um copo comemorativo a seguir ao trabalho, mas esperara beber uma cerveja em sossego, não aquilo. Sentiu o corpo ficar tenso ao aperceber-se de alguns sinais perturbadores. Música um bocadinho alta de mais. Um som de guitarra rítmica que lhe lembrava umas miseráveis férias de infância passadas em Espanha. Coisas esquisitas por todo o lado, incluindo uma palmeira artificial ao canto e instrumentos musicais pendurados no teto. Posters colados numa parede de tijolo a anunciarem cervejas de aspeto estrangeiro ao lado de postais de locais longínquos. Ele deu um salto quando quase foi derrubado por um casal rodopiante que se passeava por o que ele acabava de reconhecer como sendo uma pequena pista de dança. Um olhar para a metade masculina do duo dançante confirmou as suas suspeitas. O aspeto de latino moreno do homem e o olhar lascivo que dirigia ao decote da acompanhante informavam Drew de que ele tinha, de facto, entrado em território desconhecido. Que diabo estaria Suzie a pensar para o levar a um bar de salsa?

— Que diabo estavas tu a pensar para me trazeres para um bar de salsa? — perguntou Drew quando se empoleirava num banco do bar ao lado de Suzie. — Pareço-te o tipo de homem que gostaria de vir a um sítio destes?

— Oh, não estejas tão chateado — disse ela, passando-lhe um *Dirty Martini*.

Ele contemplou a água de lavar pratos que estava à sua frente num copo do qual nenhum homem que se prezasse alguma vez beberia. — Nem sequer posso beber uma cerveja? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela alegremente. — É a *happy hour*. Dois pelo preço de um.

Ele inclinou-se para a frente, bebeu um pequeno gole e fez uma grande careta quando o sabor amargo lhe chegou ao fundo da garganta.

— Não me posso demorar — disse ele a olhar para o relógio. — Tenho de ir ter com a Emily ao local do casamento mais logo.

— Não tem problema — disse Suzie com um enorme sorriso, ainda extremamente animada com a sua vingança. — Eu só queria ter a certeza que percebias o quão grata te estou, só isso.

— Porquê? — perguntou ele, experimentando dar mais um gole.

— Por me teres dito para me vingar do Alex — disse ela. — Na verdade, por mais do que isso. Por me teres dito que eu era capaz de me vingar do Alex.

— Eu disse isso?

— Sim, disseste. Ontem. Disseste: «Sabes que és capaz» — respondeu Suzie. — Isso espicçou-me realmente.

— Certo — disse Drew, um pouco baralhado.

— E — disse Suzie bebendo um grande gole da sua bebida — queria agradecer-te por teres sublinhado que todos os meus amantes foram uns verdadeiros estupores.

Drew copiou o gole enorme de Suzie antes de tentar uma resposta. — Fico feliz por ter sido útil — disse ele erguendo o copo para tocar no dela. — A minha função detetora de estupores está para sempre ao teu dispor.

— É engraçado que digas isso — retorquiu ela, esvaziando o copo e fazendo sinal ao barman para trazer mais dois. Virou-se para ele e agarrou-lhe entusiasticamente o braço. — Sou capaz de ir precisar exactamente dessa função.

— Já tens um gajo novo? — exclamou ele. — Que diabo! Isso é que foi trabalhar rápido, Suzie! Trouxeste-me até aqui para eu fazer uma avaliação? Por favor diz-me que não é aquele tipo podre de bêbedo que está ali a dançar com uma palmeira.

— Não, claro que não — respondeu ela. — Dá-me algum crédito. O que eu queria dizer era que posso precisar que me ajudes a localizar os meus ex-estupores.

— Porquê? — perguntou ele cautelosamente.

— Porque — disse ela, erguendo e baixando o braço dele com o entusiasmo — eu vou vingar-me deles também.

Ele fitou-a. Não tinha a certeza se a tinha escutado bem. Talvez as águas lamacentas do *Dirty Martini* pudessem ajudá-lo a clarear as ideias. Terminou o primeiro copo e deu um gole confiante no segundo.

— Acabaste de dizer que querias localizar os teus ex-namorados para te vingares? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela.

— Porquê? — perguntou ele novamente.

— Porque — disse ela, libertando-lhe o braço e olhando tão intensamente para ele que Drew pensou que ela era capaz de entrar em combustão — é uma sensação absolutamente fantástica pela primeira vez na vida eu sair por cima. Olha para mim — gritou ela a acenar com as mãos em torno da cabeça. — Estou tão feliz e acabei de levar com os pés! Não é extraordinário? Não estou um farrapo, o Alex é que está. Não é fantástico?

— Bem, sim — concordou Drew. — Mas...

— Imagina — interrompeu Suzie. — Se voltasses atrás e fizesses o mesmo com todos os outros que te tinham feito sofrer. Poder olhar para trás, não com arrependimento e amargura, mas com profundo orgulho por essas relações terem terminado como querias que terminassem. Com todos eles a entenderem o quão mal haviam agido. Contigo a ter a última palavra.

Os *Dirty Martinis* não estavam a clarear-lhe as ideias. Ele sentia-se muito confuso. Bebeu mais um grande gole.

— Queres realmente ir buscar de novo o passado? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela. — Só reescrevê-lo.

— Não tenho a certeza se estou a entender bem — disse ele.

— Claro que não entendes — afirmou ela, parecendo um bocadinho frustrada. — Porque isto nunca te aconteceu, pois não? A maioria das pessoas normais é lixada por um monte de maus relacionamentos antes de conhecer a pessoa certa. Exceto tu, que conseguiste fisgar a tua quase desde que nasceste. Claro que não entendes, porque o teu coração não conhece desilusão nem dor. Fazes alguma ideia do quão raro isso é?

Drew estava a prestar pouca atenção. Estava ocupado a tentar perceber se era ele, ou a sala, que se estava a mexer. Sentia uma vaga sensação de movimento que o fazia sentir-se ligeiramente nauseado.

— Já agora — continuou Suzie. — Fazes alguma ideia do quão raro

és? Um homem que não quer passar o tempo a fazer sexo com tudo o que mexe.

Ora ali estava algo que podia comentar, decidiu ele.

— Eu nunca quis ser obrigado a dançar ao som de uma *boys band* — afirmou ele.

— Do que é que estás a falar? — ouviu ele Suzie perguntar no meio da desordem mental.

— Os meus amigos tiveram de se humilhar dançando ao som de *boys bands* só para conseguirem uma queca. Não pode valer a pena — disse ele, abanando solenemente a cabeça.

— Genial! — gritou Suzie. — Os Take That mantiveram-te fiel.

— Pois — respondeu Drew. — E os refrescos alcoólicos.

— Os refrescos alcoólicos?

— Eu via-os também a terem todos de comprar quantidades astronómicas de bebidas alcoólicas com sabor a refresco. Tão degradante!

— Drew, tu és uma lenda — disse ela, dando-lhe uma palmada nas costas. — Tenho a certeza que a Emily ficaria encantada em saber que tudo o que foi preciso para te maneres apaixonado por ela durante estes anos todos foi a presença de música pirosa e álcool rosa-vivo dentro de uma garrafa.

Pegou no copo e levantou-o inesperadamente, obrigando-o a levantar o dele num brinde.

— A ti. O perito do amor — anunciou ela.

— Não propriamente — respondeu ele, erguendo o copo. Depois do brinde, seguiu-se um último gole e uma pausa para ir à casa de banho.

— Vou fazer uma mijinha — disse ele, deslizando do banco e atravessando um pouco cambaleante a pista de dança em direção ao WC. — Droga! — gritou ele ao olhar para o relógio enquanto secava as mãos. Ia chegar atrasado e meio bêbedo ao encontro com Emily. Atravessou apressadamente a pista de dança numa tentativa de se desviar da massa palpitante de multidão já embriagada. Quando pensava que tinha conseguido, sentiu alguém agarrar-lhe na mão e puxá-lo para trás.

— Não é música de *boys band* — ouviu Suzie gritar-lhe ao ouvido enquanto se viam rapidamente rodeados de corpos balançantes. — Não dá para não dançar ao som disto.

Drew viu a expressão exuberante de Suzie e percebeu que ia ter de a desapontar.

— Eu não danço! — gritou.

— Claro que danças! — Ela riu-se, agarrou-lhe nas mãos e começou a agitá-las para cima e para baixo.

— Não danço — disse ele, abanando firmemente a cabeça.
— A Emily não se importa — respondeu ela.
— Nós não dançamos — disse ele.
— O quê? Nunca?
— Nunca.
— Está na hora de aprenderes — disse ela, puxando-o pelos braços para lhe descolar os pés do chão.

Drew olhou fixamente para Suzie, que estava a girar e a rodopiar à sua frente, a rir-se como uma adolescente. Suspirou e experimentou sem grande convicção um bamboleio de anca que, para sua surpresa, deu origem a um bamboleio corporal completo, tal era o poder da música ritmada e a quantidade de álcool que tinha consumido.

Suzie bateu palmas de alegria ao ver Drew render-se à música e agarrou na mão dele para a balançar para a frente e para trás como se fossem crianças no recreio. Ela atirou a cabeça para trás e riu-se com toda a alegria de quem está contente com a vida. A sua alegria era tão contagiante que Drew não pôde deixar de sorrir. Suzie inclinou-se para junto dele e gritou-lhe ao ouvido.

— Não consigo deixar de pensar na cara do Alex a olhar petrificado para um descascador de legumes.

Drew não conseguiu evitar juntar-se à alegria dela. Pouco depois estavam a agarrar-se, contorcendo-se de riso ao recordarem o acontecimento do dia sob o estridor da música. Quando finalmente se acalmaram, Suzie tossiu numa tentativa de se recompor.

— Há eras que não me ria tanto — disse ela.
— Nem eu — disse ele. — Agora tenho de ir.
— Eu sei — respondeu ela. — Obrigada. A sério. Hoje não teria acontecido sem ti.

— Tretas — respondeu ele. — Eu sempre soube que tinhas em ti a ameaça de cortar o pénis a um homem.

Ela sorriu. — Vai lá — disse ela. — Diz à Emily que mando cumprimentos.

— Eu digo — disse ele e abraçou-a desajeitadamente antes de virar costas e de a deixar sozinha na pista de dança.

CAPÍTULO SEIS

Quando finalmente chegou de táxi, Drew viu Emily à porta do Solar Ripton. A luz que emanava do átrio atrás dela parecia acolhedora e convidativa, mas a postura de Emily era decididamente gélida. Drew tropeçou ligeiramente quando saiu do táxi. Enfiou apressadamente uma nota amarrotada na mão do taxista antes de virar costas e de tentar subir os cerca de dez degraus de pedra de forma, esperava ele, a parecer sóbrio.

Um enorme relógio antigo anunciava as sete horas quando ele conseguiu entrar no imponente átrio senhorial. Emily tinha sido substituída por Toby, o padrinho dele, que estava a rir-se histericamente dele.

— Estás tão podre que nem ias acreditar — disse Toby quase dobrado para a frente de tanto rir quando Drew conseguiu chegar à porta.

— Onde foi a Emily? — perguntou Drew enquanto se esforçava para despir o casaco.

— Informar o Tweedledum e o Tweedledee que finalmente apareceste. Céus, ainda bem que vim agora. Ver-te cair em desgraça era a ambição da minha vida.

— Obrigado — resmungou Drew enquanto pendurava o casaco numa cadeira antiga. Ele sabia que precisava de se controlar, ou Toby ia ter um dia em cheio.

— Não tens de quê. É bom não ser eu a fazer porcaria, para variar. Mas por onde andaste? Não é nada habitual atrasares-te.

— Fui beber um copo com a Suzie. Lembras-te dela? Foi à nossa festa de noivado.

— Por acaso até me lembro — respondeu Toby.

— Bem, é uma longa história, mas ela estava a comemorar uma coisa e fomos àquele novo bar de salsa e eu acho que bebi um bocado de mais e perdi a noção do tempo.

— Oh, meu Deus, isto está cada vez melhor — disse Toby, fitando Drew com entusiasmo. — Chegaste atrasado porque foste beber um copo com outra mulher. Caramba, Drew, isto é fantástico! Esta pode ser a melhor noite da minha vida.

— Oh, céus. O que vou eu dizer? — perguntou Drew, apercebendo-se pela primeira vez do que parecia.

— Mente, pá, é fácil — respondeu Toby. — Problemas no trabalho, ou qualquer coisa. E pronto. Eu estou sempre a dizer isso.

— Não posso mentir — disse Drew. — De qualquer forma, não tenho sobre o que mentir.

Toby fitou-o por um instante. — Se é isso que pensas, amigo, muito bem. Vamos agora testar essa afirmação ridícula, está bem?

— Ele chegou — anunciou Toby quando entraram num ornado e imponente salão de baile. — Não é preciso entrar em pânico. Ele só ficou retido porque estava a beber um copo com uma colega num bar onde as pessoas vão depois do trabalho para se embebedarem e andarem às apalpadelas na pista de dança.

Foi audível o sobressalto do grupo reunido. Um homem de fato azul-marinho e crachá dourado que o apresentava como Luke, o Gerente, levou as mãos à boca, horrorizado. Uma mulher jovem, também de fato azul-marinho e crachá dourado apresentando-a como sendo Tammy, a Coordenadora Nupcial, ficou vermelha como um tomate e deixou cair o caderno de apontamentos preto no chão. Toby esfregou as mãos de contentamento quando os ocupantes da sala sustiveram coletivamente a respiração e aguardaram a resposta de Emily.

— A Suzie? — perguntou calmamente Emily, sendo o seu único sinal visível de reação uma sobrancelha ligeiramente erguida e um leve tamborilar dos dedos da mão esquerda.

— Como adivinhaste? — perguntou Drew, dando-lhe um beijo na face. — Lembras-te de ontem eu te ter dito que ela tinha acabado com o Alex? Bem, fomos beber um copo rápido só para comemorar o facto de ela hoje se ter vingado ameaçando-o com uma faca.

Todos na sala sustiveram de novo a respiração.

— É uma longa história — disse ele rapidamente ao duo de fato azul-marinho. — Não é o que parece — disse.

— Podes contar-nos depois — disse Emily, tirando um dossiê azul-escuro da sua pasta. — Mas por agora podemos prosseguir com o que viemos aqui fazer?

Drew soltou um pequeno suspiro de alívio. Graças a Deus pelo comportamento imperturbável de Emily. Ele sorriu presunçosamente para um Toby dececionado.

— Se eu me saísse com uma história dessas, a Chloe comia-me os tomates ao pequeno-almoço, posso garantir-te — balbuciu ele.

— Toby — disse Emily, inclinando-se para a frente e fazendo uma pausa, exigindo silenciosamente que ele prestasse atenção ao que ela estava prestes a dizer. — Isso é porque és completamente instável e indigno de confiança. O Drew pode ir beber um copo com quem ele quiser. Não estaríamos juntos há tanto tempo se não soubéssemos que podemos confiar totalmente um no outro.

— Olá — disse Drew, avançando e apertando vigorosamente a mão de Tammy, ávido para que a noite seguisse para território mais seguro. — Sou o Drew.

— Esta é Tammy, a nossa coordenadora nupcial — apresentou Emily. — E este é Luke, o gerente.

— Bonitos crachás — foi o que lhe ocorreu dizer. Fitaram-nos ambos em silêncio. — Desculpem ter-vos feito esperar e o que o Toby disse e aquela coisa toda da faca.

— Não há necessidade — disse Emily, levantando uma mão. — Não há necessidade de falar mais no assunto. — Um bocadinho de irritação retesou-lhe o maxilar. Ela abriu o dossiê azul e tirou uma folha de papel. — Bem, o objetivo desta reunião é acertar todos os pormenores de entretenimento. Posso sugerir, Toby, que nos ponhas a par dos teus requisitos?

— Claro — disse ele antes de dar meia-volta e atravessar a pista de dança para se colocar no canto oposto de braços levantados como se fosse um ginasta pronto para dar início a um exercício de solo. — É aqui que vai acontecer a magia — afirmou ele, baixando os braços com imponência.

— Eu não considero que tocar uns discos seja propriamente magia — disse Drew.

— Drew, como te atreves a tratar a minha profissão com tamanho desdém! — protestou Toby. — Eu sou crucial para o sucesso de todo o evento. Não me vejo apenas como DJ, sou mais um Feiticeiro de Tempos Maravilhosos.

— És mais um apresentador de rádio fracassado — disse Drew, desejoso para se vingar de Toby pela sua contribuição para o mau início

da reunião. Toby tinha montado o seu negócio de DJ itinerante depois de ter sido despedido do emprego na rádio por falar demasiado.

— E nada de falar entre as músicas — avisou Drew. — Algumas pessoas são capazes de querer realmente dançar, sabes, e não ouvir a tua tagarelice.

— Tenho um dia inteiro de música programada para vocês. — Toby voltou a atravessar a pista de dança. — Até trouxe a minha discoteca móvel para aqui para vos mostrar as escolhas musicais para o dia. — Tirou um *iPhone* do bolso e fez sinal para que se aproximassem todos.

— Toby — interpôs subitamente Emily. — Nós só queremos uma boa mistura de música que satisfaça todos os grupos etários — disse ela enquanto assinalava qualquer coisa no dossiê.

— Espera aí — disse Toby com um ar horrorizado. — Esta é a banda sonora do vosso casamento. Vocês vão lembrar-se desta música pelo resto da vossa vida. É crucial que ela reflita na perfeição as vossas personalidades. Esta é uma responsabilidade enorme que eu levo muito a sério.

— Deve ser a primeira vez — resmungou Drew.

— Posso continuar? — perguntou Toby. — Ou vais estar a gozar?

— Vamos lá ouvir então — disse Emily sem desviar os olhos do dossiê.

— Certo — disse ele, premindo alguns botões no telemóvel. — Começamos com a chegada da Emily à cerimónia.

Meu Deus, pensou Drew, ele estava realmente a encarar a coisa com seriedade. Ele esperara apenas uns acordes a seguir ao jantar. Não aquilo.

— Bem — continuou Toby enquanto fitava Tammy nos olhos. — Imaginem as enormes portas de carvalho a abrir para revelarem a ruborizada noiva, em todo o seu esplendor, ao lado do pai resplandecente.

Tammy fitou-o também com uma lágrima hesitante no canto do olho.

— E o que poderia ser melhor do que olhar para os dois e ouvir os acordes deste clássico incontornável?

Toby tocou delicadamente no ecrã e de lá saiu uma barulheira hedionda.

*Bring Your Daughter to the Slaughter*¹, gritavam os membros dos Iron Maiden enquanto todos o fitavam boquiabertos. Toby sorriu largamente antes de tocar de novo no ecrã e de encher o ar com o som glorioso do tema do *Tubarão*.

¹ *Traz a Tua Filha Para o Massacre*. (N. T.)

— E a noiva flutua pelo corredor em direção ao futuro marido — disse ele por cima da música. — E ficam lado a lado à espera de serem unidos para sempre em perfeita harmonia. *Don't Stand so Close to Me*², dos Police, começou a ressoar enquanto Tammy olhava, em estupefacto silêncio, para Toby, Drew e Emily. Toby estava tão satisfeito consigo próprio que parecia prestes a explodir enquanto Drew se esforçava ao máximo para esconder um sorriso. Emily já tinha fechado o dossiê e estava de braços cruzados com uma expressão algo resignada no rosto.

— Terminaste? — perguntou ela pacientemente.

— Oh, não — respondeu Toby. — Nem sequer chegámos ainda ao copo-d'água. Isto agora é o que eu estava a pensar para o cocktail da receção.

— Contratámos uma harpista — disse Emily antes que Toby pudesse elucidar todos.

— Uma harpista? — exclamou Toby.

— Sim, uma harpista — repetiu Emily.

— Então não vão querer isto. — Pôs a tocar *I Predict a Riot*³, dos Kaiser Chiefs.

— Não.

— Entendo. — Desligou a música.

— Então e de onde é essa harpista? — perguntou.

— País de Gales.

— E já conhecem essa harpista? — perguntou Toby, virando-se para Drew.

— Não — respondeu Drew.

— Ela é adequada? — perguntou a Emily.

— Isto já está despachado? — desafiou Emily. — Precisas de discutir o teu equipamento com este cavalheiro — acrescentou ela, apontando para o gerente que estava com um ar confuso.

— Preferia discutir isso com a harpista — disse Toby, olhando com desdém para o gerente.

— Toby! — gritou Emily, nitidamente farta de aturar as suas piadinhas.

— Só a última parte, a última parte — implorou ele. — Guardei-a para o discurso dos votos. Vão adorar isto. — Mexeu no telemóvel antes de levantar os olhos com um sorriso descarado. — Soube que vais ser a primeira, Emily, por isso pensei que isto seria perfeito.

² *Não Estejas tão Perto de Mim*. (N. T.)

³ *Prevejo Distúrbios*. (N. T.)

*Like a Virgin*⁴, de Madonna, encheu a sala.

— Depois, para o padrinho, eu precisava de algo que comunicasse realmente as minhas ideias e emoções em relação ao dia, por isso aqui está.

*I Wanna Kiss the Bride*⁵, de Elton John, forçou um pequeno sorriso nos lábios finos de Emily.

— E depois, para o meu melhor amigo Drew, naquela que será provavelmente a parte do dia mais enervante — disse Toby. — Escolhi algo que puxe realmente pelo sentimento.

*Heaven Knows I'm Miserable Now*⁶, dos The Smiths, apagou imediatamente o sorriso do rosto de Emily.

— E, finalmente, a tão importante primeira dança. A canção que vos irá definir enquanto casal para o resto da vossa vida. A canção que todos ficarão a desejar ter escolhido para a primeira dança no seu casamento. Aqui está. Por favor, Sr. e Sra. Carter, ocupem a pista de dança!

*I Don't Feel Like Dancing*⁷, das Scissor Sisters, foi a canção que Toby tinha considerado adequada para lhes dar as boas-vindas à vida conjugal.

— Porque é que estão a olhar para mim dessa maneira? — perguntou ele, fingindo-se ofendido com os olhares furiosos de Emily e Drew. — Podia ter optado por isto. — *I Touch Myself*⁸, dos Divinyls, substituiu a alegre canção. — Ou até isto. — As vozes melancólicas dos 10cc encheram a sala. A letra de *I'm Not in Love*⁹ envolveram-nos e entranharam-se no âmago do cérebro de Drew, transportando-o para um lugar que ele habitualmente só habitava às três da manhã quando, por vezes, acordava com suores frios. Foi de novo arrastado para a sala quando Toby o agarrou e o puxou para a pista de dança, fazendo-o girar. Drew começou a sentir-se nauseado e desorientado quando a mistura do cocktail e das voltas lhe revolveu as entranhas.

— Não estou apaixonado! — gritou Toby inúmeras vezes na sua cara até Drew não conseguir suportar mais.

— Desliga isso! — gritou ele. — Desliga isso! — Segurou a cabeça entre as mãos para tentar impedir que a sala continuasse a girar ao seu redor e para não ouvir a cantoria repetida de Toby.

⁴ *Como uma Virgem*. (N. T.)

⁵ *Quero Beijar a Noiva*. (N. T.)

⁶ *Deus Sabe Como Estou Infeliz Agora*. (N. T.)

⁷ *Não me Apetece Dançar*. (N. T.)

⁸ *Eu Toco-me*. (N. T.)

⁹ *Não Estou Apaixonado*. (N. T.)

— Desliga isso — disse ele um pouco mais calmo, enquanto todos o fitavam em silêncio depois de Toby ter finalmente encontrado o botão para desligar.

— Eh, acalma-te — disse Toby. — Foi só uma brincadeira, pá. Tu conheces-me. Pensei que ias achar engraçado. Obviamente, fui longe de mais — disse ele, tornando a enfiar o telemóvel no bolso e dando-lhe em seguida uma pancadinha protetora.

Drew não conseguia falar, tremendo ligeiramente.

— Olha, eu dou-te uma lista — disse Emily, abrindo o seu dossiê para anotar qualquer coisa. — Coisas que achamos apropriadas. Oh e nós não vamos ter primeira dança, pois não, Drew? — Olhou para ele com cumplicidade. — Nenhum de nós gosta de dançar.

Drew teve um súbito *flashback* de quando, mais cedo naquela tarde, estivera a agitar as ancas e os braços e a rir histericamente.

— Não, nenhum de nós gosta de dançar — respondeu.

CAPÍTULO SETE

Querida Suzie

Tenho dezasseis anos e o meu namorado quer fazer sexo de sexta-feira a quinze dias. Vamos a uma festa na casa de um amigo e os pais não vão estar lá, por isso os rapazes combinaram entre si usarem, à vez, um dos quartos durante trinta minutos. O meu namorado quer saber se eu vou fazer sexo com ele porque se eu não fizer, ele diz que vai pedir a outra porque não quer desperdiçar a vez dele. Eu quero que a minha primeira vez seja perfeita e estou com receio que meia hora não seja tempo suficiente. Deverei pedir-lhe que reserve duas meias horas?

*Por favor, ajude-me,
Sophie*

Querida Sophie,

Se demorar mais de meia hora, por favor envia-me o número do teu namorado! Estou a brincar. Agora a sério, tenho um conselho muito importante a dar-te.

NÃO FAÇAS SEXO, NÃO VAIS GOSTAR.

Fazer sexo com um miúdo de dezasseis anos nunca é bom. Lembra-te que ele não o deve ter feito muitas vezes, se é que o fez. Pensa nisto: entrarías num carro com ele a conduzir pela primeira vez? Não. Seria só atrapalhação com

as mãos, paragens e arranques, sem fazer ideia que botões ou alavancas usar, e tudo isso contribuiria para uma viagem extremamente desconfortável. E uma viagem extremamente desconfortável é só o que podes esperar se fizeres sexo com ele.

Agora passemos aos verdadeiros problemas: a partilha do quarto e a ameaça dele de pedir a outra pessoa. Acorda, Sophie. Este é um comportamento inaceitável e estás a deixar estes rapazes aproveitarem-se de ti. Diz-lhe que farás sexo com ele e pede-lhe para reservar duas meias horas porque estás convencidíssima de que ele vai ser um autêntico ganhão. Quando estiveres no quarto com ele, diz-lhe que desejas o corpo dele há eras e que queres vê-lo nu imediatamente. Depois de ele se despir, ri-te histericamente e vai a correr do quarto até à cozinha onde estará um quadro pré-preparado pelas meninas para marcarem o quão pequenos são os pénis dos vossos namorados.

Boa sorte.

Suzie

— Porquê? — gritou Jackie, batendo com as costas da mão na folha de papel com a carta de Suzie. — Porque não andavas tu por perto quando eu era adolescente? Era precisamente isto que eu precisava de ouvir. Se tivesses estado lá, podia ser que eu não tivesse engravidado aos dezoito e não tivesse casado com aquele merdas do Carl.

— Eu estava lá, Jackie — salientou Suzie. — Somos as melhores amigas desde os cinco anos.

— Então por que diabo não me disseste isso na altura? — perguntou Jackie com um ar mais do que ofendido. — Olha para mim. Estou enterrada em filhos. Se nessa altura me tivesses transmitido este tipo de informação, a minha vida podia ter sido completamente diferente.

Sentada à mesa da cozinha de Jackie, Suzie olhou para Troy, que saltitava alegremente no seu joelho. Ela sabia que Jackie não estava a falar com sinceridade. Embora tivesse decidido com determinação que Troy seria o último dos seus quatro filhos. O bebé «pré-vasectomia», como ela gostava de lhe chamar. Tinha também o bebé «do erro da adolescência», como descrevia Jamie e o bebé «a fingir que a Jamie não era um erro», chamado Cara. Eram ambos filhos de Carl, seu amor desde a infância, que após dez anos de vida conjunta havia sido atingido por um caso crónico de nostalgia pela adolescência e fugido com uma miúda de dezassete anos. Ela tinha precisado de dois anos para

superar isso e encontrar Dave e ter então o seu bebé «devemos estar loucos para fazer isto outra vez», Lenny, e finalmente Troy, cujo dia de nascimento seria para sempre recordado como o dia antes de o pai fazer a vasectomia.

— Nessa altura eu não sabia o que sei agora, pois não? — disse Suzie numa tentativa de defender a sua aparente falta de bons conselhos à melhor amiga durante a juventude.

Jackie olhou para ela embrenhada em pensamentos, como se estivesse a regressar ao passado.

— Tens razão. Eras uma autêntica ignorante.

— Também não era assim tão má.

— Suzie — disse Jackie colocando as mãos sobre as ancas. — O Christian Sleaford disse-te que *Appletiser* conseguia matar esperma e que devias usá-lo depois das relações sexuais.

— Eu nunca acreditei nele.

— Acreditaste, sim. Tu disseste-me... — Jackie calou-se por instantes e dobrou-se para a frente a rir a bandeiras despregadas. — Ainda hoje me dá vontade de rir — disse ela endireitando-se novamente e respirando fundo. — Eu juro, Suzie, que me disseste que era uma pena que não fosse o *Orange Tango* porque não gostavas do sabor do *Appletiser*.

Suzie conseguia sentir-se a enrubescer. Por vezes, ter uma amiga que sabia tudo sobre uma pessoa era simultaneamente positivo e negativo.

— Tudo o que posso dizer, Jackie, é que eu fui nitidamente muito mais bem-sucedida com a contraceção do que tu — retorquiu Suzie.

Jackie tirou Troy do colo de Suzie e sentou-se para lhe dar um biberão. — É justo, Suzie — disse ela, beijando o topo da cabeça do filho. — Apanhaste-me. Mas isto... — disse ela, devolvendo a Suzie a comvente carta da adolescente — ...isto é muito bom. Quando penso em todas as coisas estúpidas que passei na adolescência por não ter juízo. — Abanou a cabeça com consternação.

— Para não falar no que deixamos que os rapazes nos façam — disse Suzie.

— Exatamente — afirmou Jackie.

— Então vais ajudar-me a encontrá-lo? — perguntou Suzie.

— Quem?

— O Patrick Connolly.

Jackie esbugalhou os olhos. — Quem, o teu primeiro amor verdadeiro?

— Sim, o meu primeiro amor verdadeiro, aquele que também me

partiu o coração, se bem te lembras. — Suzie sentiu-se corar como costumava acontecer na adolescência.

— Não era provável que eu esquecesse — disse Jackie. — Ficaste tão transtornada que resolveste embebedar-te. Obrigaste-nos a trocar o *Cinzano* pelo *Martini Bianco*.

— Só porque o *Cinzano* mo fazia lembrar demasiado. Já nem sequer conseguia cheirá-lo — defendeu-se Suzie.

— Mas eu adorava *Cinzano* — afirmou Jackie. — O *Bianco* subia-me pelo nariz e deixava-me zozna.

Seguiu-se uma pausa, enquanto se fitavam, antes de Jackie falar.

— Nunca, mas nunca, digas ao Dave que eu disse isto — pediu ela.

— O que me dás em troca? — perguntou Suzie.

— Qualquer coisa. Diz tu. Essa afirmação provavelmente daria origem a divórcio, se ele soubesse.

— Bem, ajuda-me a encontrar o Patrick e pode ser que descubras que eu já esqueci tudo — disse Suzie.

— Por que raio queres tu rever aquele ser desprezível depois deste tempo todo? — perguntou Jackie.

— Porque agora é a vez dele — respondeu-lhe. — Vou vingá-lo por me ter partido o coração.

— O quê? Queres dizer, como fizeste com o Alex? — perguntou-lhe Jackie com os olhos arregalados de espanto.

— Exatamente como o Alex — respondeu Suzie calmamente.

Jackie observou-a atentamente antes de transmitir o seu veredito sobre o plano.

— Bem, que bom para ti — disse ela, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Estou farta de olhar para o meu passado e de me ver à mercê de qualquer Tom, Dick ou Harry que queriam aproveitar-se — disse Suzie com firmeza. — Está na hora de reescrever a história.

— Uau — disse Jackie. — Também quero o que estás a tomar, por favor. És uma mulher em missão.

— Bem, serei se conseguires lembrar-te de alguém que possa ainda estar em contacto com o Patrick — disse Suzie.

— Bem, isso é fácil. Eu.

— O quê?!

— Somos amigos no Facebook.

— Como?

— Bem, ele enviou-me um pedido de amizade.

— E tu aceitaste?

— Claro. Porque não aceitaria?

— Porquê?! — exclamou Suzie. — Ele despedaçou o coração da tua melhor amiga!

— Então, presumo que ele não te tenha enviado um pedido de amizade — disse Jackie arqueando as sobrancelhas.

— Pois não — disse Suzie, sabendo que a sua angústia por esse facto estava escarrapachada no seu rosto.

— Talvez se tenha perdido no correio — disse Jackie.

— Engraçadinha — ripostou Suzie. — E como está ele? — perguntou, incapaz de se conter.

— Bem, que tal darmos uma olhadela? — respondeu Jackie levantando-se com Troy ainda nos braços. — Vem até ao meu escritório. — Aproximou-se da bancada da cozinha e abriu um computador portátil.

Estavam tão imersas numa análise detalhada de todos os aspetos da página do Facebook de Patrick que não repararam que Dave, o marido de Jackie, tinha entrado na cozinha, acabado de chegar do trabalho.

— Para o que estão vocês a olhar? — perguntou ele subitamente, espreitando por cima dos ombros delas para uma fotografia de Patrick, a agarrar os seios de uma mulher durante a despedida de solteiro de um amigo numa discoteca de Tenerife.

— Oh, olá amor — disse Jackie sem tirar os olhos do ecrã. — Este é o Patrick — disse ela a apontar para uma cara muito rosada à espreita por detrás de umas mamas. — É nele que a Suzie vai fazer o próximo Bobbitt.

— O que é um Bobbitt, mamã? — perguntou Lenny ao aparecer de repente ao lado da mãe. — Posso comer um biscoito?

Jackie olhou para Lenny enquanto pensava na resposta. — Bobbitt era o nome de uma senhora que cortou a pilinha do marido porque ele fez uma coisa muito má — disse ela. — Entendes? — perguntou-lhe.

— Senhoras! — exclamou Dave, chocado, tapando os ouvidos de Lenny. — O que se passa aqui?

— Sabes que eu não gosto de mentir aos miúdos — disse Jackie.

Dave estava mudo, olhando para Suzie e para Jackie, enquanto as orelhas de Lenny eram revestidas por pó de cimento trazido para casa de um qualquer local de construção em que Dave estava a trabalhar como pedreiro. Era um trabalho que ele suportava não pelo amor à arquitetura, mas para pagar as contas e poder dedicar-se à sua verdadeira vocação de guitarrista solo e voz de coro ligeiramente desafinada numa banda de tributo adequadamente chamada *Cheap Purple*.

O olhar dele pousou finalmente em Suzie, à espera de uma explicação.

— Eu não *fiz* realmente um Bobbitt — defendeu-se Suzie.

— Do que é que estás a falar? — perguntou Dave.

— O Alex deu com os pés à Suzie e ela vingou-se ameaçando-o com um Bobbitt — disse Jackie.

— Deus do Céu, Suzie! — exclamou Dave. — E eu que sempre te considerei a mais sensata e encantadora das amigas da minha mulher.

— Ainda no outro dia lhe chamaste solteirona histérica — gritou Jackie por cima do ombro enquanto se dirigia à máquina de lavar louça para a esvaziar e, simultaneamente, punha Troy a arrotar.

Suzie olhou para ele com ar acusador.

— Isso foi só porque estavas ao telefone a chorar porque tinhas acabado de descobrir que o Ben Fogle era casado — disse Dave.

— Pois, bem, mudei a página — disse ela alegremente, armazenando as palavras «histérica» e «solteirona» na parte insegura do seu cérebro. — Neste momento não quero saber dos homens. Na verdade, estou de tal forma avessa que transformei o meu consultório sentimental numa coluna de vingança e estou a tentar localizar ex-namorados que me despedaçaram o coração para me vingar deles.

— Não é magnífico? — gritou Jackie.

Dave estava ainda boquiaberto.

— E este é um desses pobres diabos? — perguntou ele, apontando para o computador.

— Sim — respondeu Suzie. — O Patrick foi o meu primeiro namorado, tinha eu quinze anos.

— Quinze! — exclamou Dave num tom de voz esganado. — Vais procurar um tipo com quem não saís há vinte anos para ameaçares cortar-lhe o...? — Calou-se e empurrou Lenny para trás das costas para lhe servir de escudo protetor.

— Não, não vou voltar a fazer isso. Esse truque já é velho — disse Suzie.

— Truque velho — gaguejou Dave. — E o facto de poderes parecer uma cabra louca vingativa e eles te internarem num hospital psiquiátrico?

— Precisamente — disse Suzie, sem se deixar desencorajar. — Atos aleatórios e violentos permitem-lhes serem eles as vítimas, o que faz gorar completamente o objetivo da coisa. Tenho de ser muito mais inteligente que isso, Dave. Tenho de os fazer sentirem-se como eu me senti, senão não vale a pena. Eles têm de aprender algum tipo de lição.

— Credo, Suzie, eu não me tinha apercebido de que pensavas tanto no assunto — disse Jackie, regressando para junto deles. — E estava eu prestes a sugerir que lhe rasgasses a roupa, ou algo do estilo.

— Isso é demasiado óbvio — respondeu Suzie. — Preciso, de alguma forma, de fazer o Patrick sentir-se completamente rejeitado e humilhado.

— Bem, isso é fácil — disse Jackie. — O estado do Facebook diz que é solteiro, por isso és livre de o rejeitar e humilhar à vontade. Só precisas de o atrair, deixá-lo ficar caidinho por ti e depois fazê-lo cair de uma grande altura de algum modo espetacular. Trabalho concluído.

— Não acredito que estou a ouvir isto — interpôs Dave. — Já se passaram mais de vinte anos, já não interessa.

— Interessa, sim — disseram Suzie e Jackie em uníssono.

— Para mim, interessa — disse Suzie.

— Interessa-lhe a ela — disse Jackie ao mesmo tempo. — Estou contigo, Suzie — continuou, colocando um braço em torno da amiga. — Estou contigo até ao fim. Fá-lo por mim e por tudo o que eu gostaria de ter dito e feito ao Craig e que nunca fiz. Eras capaz de seduzir facilmente o Patrick. Sei que sim.

Suzie interrogou-se se seria. Seria capaz de passar por isso e valeria a pena? Recordou a destroçada adolescente de dezasseis anos que tinha chorado o dia de aniversário todo que se seguira à horrível separação. Olhou para a abominável fotografia de Patrick na sua página do Facebook, agarrado a seios nus numa discoteca. Sim, seria capaz, decidiu. Ali estava um homem que precisava de aprender uma lição e ela sabia que era a mulher ideal para lha ensinar.